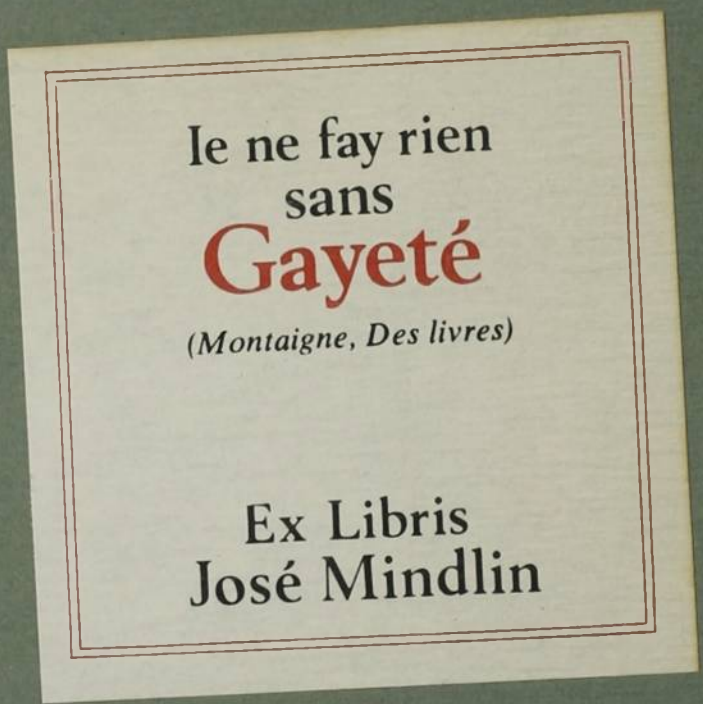
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

BRASILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DOS

MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. I. O SR. D. PEDRO IIº

ALVARES DE AZEVEDO

II

PARIS — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1

OBRAS

DE

MANOEL ANTONIO

ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

DO JUIZO CRITICO DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

POR

J. NORBERTO DE S. S.

QUARTA EDIÇÃO

INTEIRAMENTE REFUNDIDA E AUGMENTADA, ORNADA DE RETRATO

TOMO SEGUNDO

AO LIVRO DO COMMERCIO
SANTOS FERRAZ & ALMEIDA
LIVRARIA E LOJA DE PAPEL
Rua de S. Pedro, Nº 36.
RIO DE JANEIRO

B. L. [illegible] DITOR

PARIS, E. B[illegible] L'ABBAYE, 14

1873

Reservados os direitos de propriedade

LYRA

DOS VINTE ANNOS

Cantando a vida, como o cysne a morte.

BOCAGE.

Dieu, amour et poésie sont les trois mots que je voudrais seuls graver sur ma pierre, si je mérite une pierre.

LAMARTINE.

PREFACIOS

São os primeiros Cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não tem a doçura dos seus canticos de amor.

É uma lyra, mas sem cordas : uma primavera, mas sem flores, uma corôa de folhas, mas sem viço.

Cantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lyra interna que agitava um sonho, notas que o vento levou, — como isso dou a lume essas harmonias.

São as paginas despedaçadas de um livro não lido.....

E agora que despi a minha musa saudoza dos véos do mysterio do meu amor e da minha solidão, agora que

ella vai semi-núa e timida por entre vós, derramar em vossas almas os ultimos perfumes de seu coração — Ó meus amigos, recebei-a no peito, e amai-a como o consolo que foi de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — esses dous raios luminosos do coração de Deus.

Cuidado, leitor, ao voltar esta pagina!

Aqui dissipa-se o mundo visionario e platonico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra phantastica, verdadeira ilha Barataria de D. Quichotte, onde Sancho é rei, e vivem Panurgio, Sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenorio : — a patria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare.

Quasi que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. E que a unidade deste livro funda-se n'uma binomia. Duas almas que morão nas cavernas de um cerebro pouco mais ou menos de poeta escrevêrão este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdôem-me os poetas do tempo, isto aqui é um thema, senão mais novo, menos esgotado ao menos

que o sentimentalismo tão *fashionable* desde Werther e René.

Por um espirito de contradicção, quando os homens se vêem inundados de paginas amorosas, preferem um conto de Bocaccio, uma caricatura de Rabelais, uma scena de Falstaff no *Henrique IV* de Shakspeare, um proverbio phantastico daquelle *polisson* Alfredo de Musset, a todas as ternuras elegiacas dessa poesia de arremédo que anda na moda, e reduz as moedas de oiro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisivel até o extremo, dos liliputianos poetastros. — Antes da Quaresma ha o Carnaval.

Ha uma crise nos seculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no mysticismo e cahiu do céo sem..ndo exhaustas as suas azas de oiro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. *Homo sum*, como dizia o celebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as bellas visões palpaveis de acordado. Tem nervos, tem fibra, e tem arterias — isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digão o que quizerem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não ha poesia.

O que acontece? Na exhaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda tremula e resoante da febre do sangue, a alma que ama e canta porque sua vida é amor e canto, o que póde senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si

muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno póde ser erotico sem ser monotono. Digão e creião o que quizerem. Todo o vaporoso da visão abstracta não interessa tanto como a realidade formosa da bella mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos ultimos crepusculos do mysticismo brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia purissima banha com seu reflexo ideal a belleza sensivel e núa.

Despois a doença da vida, que não dá ao mundo objectivo côres tão azuladas como o nome britannico de *blue devils*, descarna e injecta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos labios onde suspirava a monodia amorosa, vem a satyra que morde.

É assim. Despois dos poemas epicos Homero escreveu o poema ironico. Gœthe depois de Werther creou o Faust. Depois de Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan — Don Juan que começa como Cain pelo amor, e acaba como elle pela descrença venenosa e sarcastica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado, meu leitor, como se não lêsses essas paginas, destinadas a não ser lidas. Deus me perdôe! assim é tudo! até os prefacios!

Á MINHA MAI

Se a terra é adorada, a mãi não é mais digna de veneração?

Digest of hindu law.

Como as flôres de uma arvore silvestre
Se esfolhão sobre a leiva que deu vida
A seus ramos sem fructo,
Ó minha doce mãi, sobre teu seio
Deixa que dessa pallida corôa
Das minhas phantasias
Eu desfolhe tambem, frias, sem cheiro,
Flôres da minha vida, murchas flôres
Que só orvalha o pranto!

PRIMEIRA PARTE

NO MAR

Les étoiles s'allument au ciel, et la brise du soir erre doucement parmi les fleurs : rêvez, chantez et soupirez.

GEORGE SAND.

Era de Noite — dormias,
De sonho nas melodias,
Ao fresco da viração ;
Embalada na falúa,
Ao frio clarão da lúa,
Aos ais do meu coração !

Ah! que véo de pallidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavão sonhando!
Como eu scismava beijando
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia;
A minh' alma se embebia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bella amante,
A meus beijos, semelhante
Ás folhas da sensitiva!

E que noite! que luar!
E que ardentias no mar!
E que perfumes no vento!
Que vida que se bebia
Na noite que parecia
Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flôr,
O madresilva de amor!
Como eras saudosa então!
Como pallida sorrias

E no meu peito dormias
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
Como a brisa a soluçar
Se desmaiava de amor!
Como toda evaporava
Perfumes que respirava
Nas larangeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!
Ai que ainda me deliro
Sonhando a imagem tua
Ao fresco da viração
Aos ais do meu coração,
Embalada na falúa!

Como virgem que desmaia
Dormia a onda na praia!
Tua alma de sonhos cheia
Era tão pura, dormente,
Como a vaga transparente
Sobre seu leito de areia!

Era de noite — dormias,

Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falúa
Ao frio clarão da lúa,
Aos ais do meu coração!

SONHANDO

Hier, la nuit d'été qui nous prêtait ses voiles,
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles !

V. Hugo.

Na praia deserta que a lua branqueia
Que mimo ! que rosa, que filha de Deus !
Tão pallida — ao vêl-a meu ser devaneia,
Suffoco nos labios os halitos meus !

Não corras na areia,
Não corras assim !
Donzella, onde vaes ?
Tem pena de mim !

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
Tão humido o vento que os ares perfuma!
És tão doentia!
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A briza teus negros cabellos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor;
Teus seios palpitão — a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!
Teu pé tropeçou....
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e parou;
Sentou-se na praia; sózinha no chão
A mão regelada no collo pousou!
Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzella?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia.
O seio gelou?...
Não durmas assim!
Ó pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia — na fronte que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!
Nem um resomnar!...
Não durmas assim!
Ó pallida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aquentar,
Teu collo, essas faces, e a gelida mão!
Não durmas no mar!
Não durmas assim,
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
As candidas fórmas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas agoas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve!
Nas vagas sonhando
Não durmas assim;
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas agoas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céo!
Nas agoas do mar
Não durmas assim!
Não morras, donzella,
Espera por mim!

SCISMAR

Fallame, anjo de luz! és glorioso
Á minha vista na janella á noite,
Como divino alado mensageiro
Ao ebrioso olhar dos frouxos olhos
Do homem que se ajoelha para vél-o
Quando resvala em preguiçosas nuvens,
Ou navega no seio do ar da noite.

Romeo.

Ai! quando de noite, sózinha á janella,
Co' a face na mão eu te vejo ao luar,
Porque, suspirando, tu sonhas, donzella?
A noite vae bella,
E a vista desmaia
Ao longe na praia
Do mar!

Por quem essa lagrima orvalha-te os dedos,
Como agoa da chuva a cheiroso jasmim?
Na scisma que anjinho te conta segredos?
Que pallidos medos?
Suave morena,
Acaso tens pena
De mim?

Donzella sombria, na briza não sentes
A dôr que um suspiro em meus labios tremeu?
E a noite, que inspira no seio dos entes
Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que falla-te a sós
Sou eu?

Acorda! não durmas da scisma no véo!
Amemos, vivamos, que amor é sonhar!
Um beijo, donzella! Não ouves? no céo
A briza gemeu...
As vagas murmurão...
As folhas susurrão:
Amar!

AI JESUS!

Ai Jesus ! não vês que gemo,
Que desmaio de paixão
Pelos teus olhos azues?
Que empallideço, que tremo,
Que me expira o coração?
Ai Jesus!

Que por um olhar, donzella,
Eu poderia morrer
Dos teus olhos pela luz?
Que morte ! que morte bella !
Antes seria viver !
Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
Eu de gozo morreria
Em teus niveos seios nús?
Que no oceano d'um gemido
Minh'alma se affogaria?
Ai Jesus!

ANJINHO

And from her fresh and unpolluted flesh
May violets spring!

Hamlet.

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:
A belleza reluzia
No carmim da face della!

Tinha uns olhos que choravão,
Tinha uns risos que encantavão!
Ai meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe n'um segredo
Os mysterios de outra vida!
E a criança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passára na roupa!
Que só o vento do céo
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da poupa!

Tão cedo! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir!

Não chorem! lembro-me ainda

Como a criança era linda
No frio da facesinha !
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha !

Pobresinho ! o que soffreu !
Como convulso tremeu
Na febre dessa agonia !
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguem parecia !

Era um canto de esperança
Que emballava essa criança?
Alguma estrella perdida,
Do céo c'roada donzella.
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem, que não morreu !
Que era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou !
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou !

Era uma alma que dormia
Da noite na ventania,
E que uma fada acordou!
Era uma flôr de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céo d'inverno murchou!

Não chores, abandonada
Pela rosa perfumada!
Tendo no labio um sorriso
Ella foi-se mergulhar
— Como perola no mar —
Nos sonhos do paraiso!

Não chores! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe pendeu?
E pranteia a noite bella
Pelo astro ou a donzella,
Mortos na terra ou no céo?

Chorão as flôres no afã,
Quando a ave da manhã
Estremece, cae, esfria?
Chora a onda quando vê

A boiar uma irerê
Morta ao sol do meio-dia ?

Não chores ! que não morreu !
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou !
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou !

ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitão, banhados de luz :
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nús !

E quando de noite vem pallida lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem fluctúa,
As ondas são anjos que dormem no mar !

Que dormem, que sonhão — e o vento dos céos
Vem tépido á noite nos seios beijar !

São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalão do seio do mar!

E quando nas agoas os ventos suspirão
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimão... e as noites delirão,
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

I

Tenho um seio que delira
Como as tuas harmonias!
Que treme quando suspira,
Que geme como gemias!

II

Tenho musicas ardentes,
Ais do meu amor insano,
Que palpitão mais dormentes
Do que os sons do teu piano!

III

Tenho cordas argentinas
Que a noite faz acordar,
Como as nuvens peregrinas
Das gaivotas do alto mar !

IV

Como a teus dedos lindinhos
O teu piano gemeu,
Vibra-me o seio aos dedinhos
Dos anjos loiros do céo !

V

Vibra á noite no mysterio,
Se o banha o frouxo luar,
Se passa teu rosto aerio
No vaporoso sonhar !

VI

Como tremem teus dedinhos
O saudoso piano teu,
Vibrão-me n'alma os anjinhos,
Os anjos loiros do céo!

A CANTIGA DE SERTANEJO

Love me and leave me not.
SHAKSPEARE. *Merch. of Venice.*

Donzella ! se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração !
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão !

Se tu viesses comigo
Das serras ao desabrigo

Aprender o que é amar
— Ouvil-o no frio vento,
Das aves no sentimento,
Nas agoas e no luar!

— Ouvil-o nessa viola,
Onde a modinha hespanhola
Sabe carpir e gemer!
Que pelas horas perdidas
Tem cantigas doloridas,
Muito amor! muito doer!...

Pobre amor! o sertanejo
Tem apenas seu desejo
E as noites bellas do val!
Só — o ponche adamascado,
O trabuco prateado
E o ferro de seu punhal!

E tem — as lendas antigas
E as desmaiadas cantigas
Que fazem de amor gemer!
E nas noites indolentes
Bebe canticos ardentes
Que fazem estremecer!

Tem mais — na selva sombria
Das florestas a harmonia,
Onde passa a voz de Deus,
E nos ralentos da serra
Pernoita na sua terra,
No leito dos sonhos seus!

Se tu viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No deserto do sertão!
Lá tem mais aroma as flôres
E mais amor os amores
Que fallão no coração!

Se viesses innocente
Adormecer docemente
Á noite no peito meu!
E se quizesses comigo
Vir sonhar no desabrigo
Com os anjinhos do céo!

É doce na minha terra
Andar, scismando, na serra
Cheia de aroma e de luz,
Sentindo todas as flôres,

Bebendo amor nos amores
Das borboletas azues !

Os veados da campina
Na lagôa, entre a neblina,
São tão lindos a beber !
Da torrente nas corôas
Ao deslizar das canôas
É tão doce adormecer !

Ah ! se viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No silencio do sertão !
Ah ! morena ! se quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração !

Junto ás agoas da torrente
Sonharias indolente
Como n'um seio d'irmã !
— Sobre o leito de verduras
O beijo das creaturas
Suspira com mais afan !

E da noitinha as aragens
Bebem nas flôres selvagens

Effluviosa fresquidão!
Os olhos tem mais ternura,
E os ais da formosura
Se embebem no coração!

E na caverna sombria
Tem um ai mais harmonia
E mais fogo o suspirar!
Mais fervoroso o desejo
Vae sobre os labios n'um beijo
Enlouquecer, desmaiar!

E da noite nas ternuras
A paixão tem mais venturas
E falla com mais ardor!
E os perfumes, o luar,
E as aves a suspirar,
Tudo canta e diz amor!

Ah! vem! amemos! vivamos!
O enlevo do amor bebamos
Nos perfumes do sertão!
Ah! virgem, se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!...

Dreams! dreams! dreams!
W. Cowper.

Quando á noite no leito perfumado
Languida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da illusão porque te orvalha
Pranto de amor as palpebras divinas?

E, quando eu te contemplo adormecida
Solto o cabello no suave leito,
Porque um suspiro tépido resomna
E desmaia suavissimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida

Não te lembra no peito os meus amores
E a febre do sonhar de minha vida?

Dorme, ó anjo de amor! no teu silencio
O meu peito se afoga de ternura
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céo um teu suspiro de ventura!

Um beijo divinal que acende as veias,
Que de encantos os olhos illumina,
Colhido a mêdo como flôr da noite
Do teu labio na rosa purpurina,

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar dessa palpebra sombria,
Talvez podessem reviver-me n'alma
As santas illusões de que eu vivia!

O POETA

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!

A. DE MUSSET.

Era uma noite — eu dormia
E nos meus sonhos revia
As illusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! porque não morri?
Porque do somno accordei?

No meu leito — adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor!

Os cabellos recendendo
Nas minhas faces correndo
Como o luar n'uma flôr!

Senti-lhe o collo cheiroso
Arquejando sequioso;
E nos labios, que entr'abria
Languida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido;
Meu coração illudido
O sentiu e não sonhou:
E sentiu que se perdia
N'uma dôr que não sabia...
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,
Sentiu que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer:
Embriagou-se de enleio,
No somno daquelle seio
Pensou que elle ia morrer!

Que divino pensamento,

Que vida n'um só momento
Dentro do peito sentiu...
Não sei... Dorme no passado
Meu pobre sonho doirado...
Esperança que mentiu!

Sabem as noites do céo
E as luas brancas sem véo
As lagrimas que eu chorei!
Contem do valle as florinhas
Esse amor das noites minhas!
Ellas sim... eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,
Viesse pallido agora
Lembrar-vos o sonho meu,
Com a fronte descorada
E com a voz suffocada
Dizer-vos baixo — Sou eu!

Sou eu! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma illusão!
Sou eu que sinto morrer
A esperança de viver...
Que o sinto no coração! —

Ririeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaião assim?
Ou então, de noite, a medo
Chorarieis em segredo
Uma lagrima por mim!

Dorme, meu coração! em paz esquece
Tudo, tudo que amaste neste mundo!
Sonho fallaz de timida esperança
Não interrompa teu dormir profundo!

Traducção do Dr. Octaviano.

Fui um doudo em sonhar tantos amores,
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

E ella, triste mulher, ella tão bella,
Dos seus annos na flôr,
Porque havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor?

Um beijo — um beijo só! eu não pedia
Senão um beijo seu,

E nas horas do amor e do silencio
Juntal-a ao peito meu!

Foi mais uma illusão! de minha fronte
Rosa que desbotou,
Uma estrella de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do ultimo sonho despertei, e n'alma
Tudo! tudo morreu!

Meu Deus! porque sonhei, e assim por ella
Perdi a noite ardente,
Se devia acordar dessa esperança,
E o sonho era demente?...

Eu nada lhe pedi — ousei apenas
Junto della — á noitinha

Nos meus delirios apertar tremendo
A sua mão na minha!

Adeus, pobre mulher! no meu silencio,
Sinto que morrerei...
Se rias desse amor que te votava,
Deus sabe se te amei!

Se te amei! se minha alma só queria
Pela tua viver,
No silencio do amor e da ventura
Nos teus labios morrer!

Mas vota ao menos no lembrar saudoso
Um ai ao sonhador...
Deus sabe se te amei!... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Mas não... inda uma vez... não posso ainda
Dizer o eterno adeus
E a sangue-frio renegar dos sonhos
E blasphemar de Deus!

Oh ! falla-me de amor — e quero crer-te
Um momento sequer !
E esperar na ventura e nos amores,
N'um olhar de mulher !

Só um olhar por compaixão te peço,
Um olhar, mas bem languido, bem terno
. . . . . .
Quero um olhar que me arrebate o siso,
Me queime o sangue, m'escureça os olhos,
Me torne delirante!

ALMEIDA FREITAS.

Sur votre main jamais votre front ne se pose,
Brûlant, chargé d'ennuis, ne pouvant soutenir
Le poids d'un douloureux et cruel souvenir;
Votre cœur virginal en lui-même repose.

TH. GAUTIER.

Ricorditi de mi. . . . . .

DANTE. *Purgatorio.*

Quando fallo comtigo, no meu peito
Esquece-me esta dôr que me consome :
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma :
E eu ouso ainda murmurar teu nome!

Que existencia, mulher! se tu souberas
A dôr de coração do teu amante,

E os ais que pela noite, no silencio,
Arquejão no seu peito delirante!

E quanto soffre e padeceu, e a febre
Como seus labios desbotou na vida,
E sua alma cansou na dôr convulsa
E adormeceu na cinza consumida!

Talvez terias dó da magoa insana
Que minh'alma votou ao desalento,
E consentira a virgem dos amores
Descansar-me no seio um só momento!

Sou um doudo talvez de assim amar-te,
De murchar minha vida no delirio...
Se nos sonhos de amor nunca tremeste
Sonhando meu amor e meu martyrio!

— E não pude, febril e de joelhos,
Com a mente abrazada e consumida,
Contar-te as esperanças do meu peito
E as doces illusões de minha vida!

Oh! quando eu te fitei, sedente e louco,
Teu olhar que meus sonhos allumia,

Eu não sei se era vida o que minh'alma
Enlevava de amor e adormecia!

Oh! nunca em fogo teu ardente seio
A meu peito juntei que amor definha!
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha!...

Tem pena, anjo de Deus! deixa que eu sinta
N'um beijo esta minha alma enlouquecer
E que eu viva de amor nos teus joelhos,
E morra no teu seio o meu viver!

Sou um doudo, meu Deus! mas no meu peito
Tu sabes se uma dôr, se uma lembrança
Não queria calar-se a um beijo della,
Nos seios dessa pallida criança!

Se n'um languido olhar, no véo de gozo
Os olhos de Hespanhola a furto abrindo
Eu não tremia — o coração ardente
No peito exhausto remoçar sentindo!

Se no momento ephemero e divino
Em que a virgem prantêa desmaiando

E a c'rôa virginal a noiva esfolha,
Eu queria a seus pés morrer chorando !

Adeus ! rasgou-se pagina a saudosa
Que teu porvir de amor no meu fundia,
Gelou-se no meu sangue moribundo
Essa gota final de que eu vivia !

Adeus, anjo de amor ! tu não mentiste !
Foi minha essa illusão, e o sonho ardente :
Sinto que morrerei... tu dorme e sonha
No amor dos anjos, pallida innocente !

Mas se um dia... se a nodoa da existencia
Murchar teu calix orvalhoso e cheio,
Flôr que não respirei, que amei sonhando,
Tem saudades de mim, que eu te pranteio !

NA MINHA TERRA

Laisse-toi donc aimer! Oh! l'amour c'est la vie!
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie,
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner!
. . . . . .
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,
Laisse-toi couronner!

V. Hugo.

I

Amo o vento da noite susurrante
A tremer nos pinheiros
E a cantiga do pobre caminhante
No rancho dos tropeiros;

E os monotonos sons da uma viola
No tardio verão,

E a estrada que além se desenrola
No véo da escuridão ;

A restinga d'areia onde rebenta
O oceano a bramir,
Onde a lua na praia macilenta
Vem pallida luzir ;

E a nevoa e flôres e o doce ar cheiroso
Do amanhecer na serra,
E o céo azul e o manto nebuloso
Do céo de minha terra ;

E o longo valle de florinhas cheio
E a nevoa que desceu,
Como véo de donzella em branco seio,
As estrellas do céo.

II

Não é mais bella, não, a argentea praia
Que beija o mar do sul,
Onde eterno perfume a flòr desmaia
E o céo é sempre azul ;

Onde os serros phantasticos roxeião
Nas tardes de verão
E os suspiros nos labios incendeião
E pulsa o coração!

Sonho da vida que doirou e azula
A fada dos amores,
Onde a mangueira ao vento que tremula
Sacode as brancas flores,

E é saudoso viver nessa dormencia
Do languido sentir,
Nos enganos suaves da existencia
Sentindo-se dormir;

Mais formoso não é: não doire embora
O verão tropical
Com seus rubores a alvacenta aurora
Da montanha natal,

Nem tão doirada se levante a lua
Pela noite do céo,
Mas venha triste, pensativa — e núa
Do pratéado véo —

Que me importa? se as tardes purpurinas
E as auroras dalli

Não derão luz ás diaphanas cortinas
Do leito onde eu nasci ?

Se adormeço tranquillo no teu seio
E perfuma-se a flôr
Que Deus abriu no peito do poeta,
Gotejante de amor ?

Minha terra sombria, és sempre bella,
Inda pallida a vida
Como o somno innocente da donzella
No deserto dormida !

No italiano céo nem mais suaves
São da noite os amores,
Não tem mais fogo os canticos das aves
Nem o valle mais flôres !

III

Quando o genio da noite vaporosa
Pela encosta bravia
Na larangeira em flôr toda orvalhosa
De aroma se inebria,

No luar junto á sombra recendente
De um arvoredo em flôr,
Que saudades e amor que influe na mente
Da montanha o frescor!

E quando á noite no luar saudoso
Minha pallida amante
Ergue seus olhos humidos de gozo,
E o labio palpitante...

Cheia da argentea luz do firmamento
Orando por seu Deus,
Então... eu curvo a fronte ao sentimento
Sobre os joelhos seus...

E quando sua voz entre harmonias
Suffoca-se de amor,
E dobra a fronte bella de magias
Como pallida flôr,

E a alma pura no seus olhos brilha
Em desmaiado véo,
Como de um anjo na cheirosa trilha
Respiro o amor do céo!

Melhor a viração uma por uma
Vem as folhas tremer,

E a floresta saudosa se perfuma
Da noite no morrer,

E eu amo as flores e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
E o céo azul e o manto nebuloso
Do céo da minha terra !

ITALIA

AO MEU AMIGO O CONDE DE FÉ

Veder Napoli e poi morir.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento;
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

Eu podia viver — e porventura
Nos luares do amor amar a vida,

Dilatar-se minh'alma como o seio
Do pallido Romeo na despedida!

Eu podia na sombra dos amores
Tremer n'um beijo o coração sedento:
Nos seios da donzella delirante
Eu podia viver inda um momento!

Ó Anjo de meu Deus! se nos meus sonhos
Não mentia o reflexo da ventura,
E se Deus me fadou nesta existencia
Um instante de enlevo e de ternura,

Lá entre os laranjaes, entre os loureiros,
Lá onde a noite seu aroma espalha
Nas longas praias onde o mar suspira,
Minha alma exhalarei no céo da Italia!

Vêr a Italia e morrer!... Entre meus sonhos
Eu vejo-a de volupia adormecida:
Nas tardes vaporentas se perfuma
E dorme á noite na illusão da vida!

E, se eu devo expirar nos meus amores,
N'uns olhos de mulher amor bebendo,

Seja aos pés da morena Italiana,
Ouvindo-a suspirar, inda morrendo.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento,
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

II

A Italia! sempre a Italia delirante!
E os ardentes saráos, e as noites bellas!
A Italia do prazer, do amor insano,
Do sonho fervoroso das donzellas!

E a gondola sombria resvalando
Cheia de amor, de canticos, de flores,
E a vaga que suspira á meia noite
Embalando o mysterio dos amores!

Ama-te o sol, ó terra da harmonia,
Do Levante na briza te perfumas:
Nas praias de ventura e primavera
Vae o mar estender seu véo d'escumas!

Vae a lua sedenta e vagabunda
O teu berço banhar na luz saudosa,
As tuas noites estrellar de sonhos
E bejar-te na fronte vaporosa!

Patria do meu amor! terra das glorias
Que o genio consagrou, que sonha o povo,
Agora que murchárão teus loureiros
Fóra doce em teu seio amar de novo:

Amar tuas montanhas e as torrentes
E esse mar onde boia alcyon dormindo,
Onde as ilhas se azulão no occidente,
Como nuvens á tarde se esvaindo;

Aonde á noite o pescador moreno
Pela bahia no batel se escôa,
E murmurando, nas canções de Armida,
Treme os fogos errantes da canôa;

Onde amou Raphael, onde sonhava
No seio ardente da mulher divina,
E talvez desmaiou no teu perfume
E suspirou com elle a Fornarina!

E juntos, ao luar, n'um beijo errante
Desfolhavão os sonhos da ventura

E bebião na lua e no silencio
Os effluvios de tua formosura!

Ó Anjo de meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da illusão que o embebia!

Concede ao sonhador, que tão somente
Entre delirios palpitou d'enleio,
N'uma hora de paixão e de harmonia
Dessa Italia do amor morrer no seio!

Oh! na terra da vida e dos amores
Eu podia sonhar inda um momento,
Nos seios da donzella delirante
Apertar o meu peito macilento!

Maio, 1851. — S. Paulo.

A T....

No amor basta uma noite para fazer de um homem um Deus.

Propercio.

Amoroso pallor meu rosto munda,
Morbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem somno as palpebras doridas,
Convulsivo tremor meu corpo vibra :
Quanto soffro por ti ! Nas longas noites
Adoeço de amor e de desejo
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura...
Eu sinto-a de paixão encher a briza,
Embalsamar a noite e o céo sem nuvens,

E ella mesma suave descorando
Os alvacentos véos soltar do collo,
Cheirosas flores desparzir sorrindo
Da magica cintura.
Sinto na fronte pétalas de flores,
Sinto-as nos labios e de amor suspiro.
Mas flores e perfumes embriagão,
E no fogo da febre, e em meu delirio
Embebem na minha alma enamorada
Delicioso veneno.
Estrella de mysterio, em tua fronte
Os céos revela, e mostra-me na terra,
Como um anjo que dorme, a tua imagem
E teus encantos onde amor estende
Nessa morena tez a côr de rosa.
Meu amor, minha vida, eu soffro tanto!
O fogo de teus olhos me fascina,
O languor de teus olhos me enlanguece,
Cada suspiro que te abala o seio
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!

Ah! vem, pallida virgem, se tens pena
De quem morre por ti, e morre amando,
Dá vida em teu alento á minha vida,
Une nos labios meus minha alma á tua!
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo

Na tua alma infantil ; na tua fronte
Beijar a luz de Deus ; nos teus suspiros
Sentir as viraçõe do paraiso :
E a teus pés, de joelhos, crer ainda
Que não mente o amor que um anjo inspira,
Que eu posso na tua alma ser ditoso,
Beijar-te nos cabellos soluçando
E no teu seio ser feliz morrendo !

Dezembro, 1851.

CREPUSCULO DO MAR

Que rêves-tu plus beau sur ces lointaines plages
Que cette chaste mer qui baigne nos rivages?
Que ces mornes couverts de bois silencieux,
Autels d'où nos parfums s'élèvent dans les cieux?

LAMARTINE.

No céo brilhante do poente em fogo
Com aureola ardente o sol dormia :
Do mar doirado nas vermelhas ondas
Purpureo se escondia.

Como da noite o bafo sobre as agoas
Que o reflexo da tarde incendiava,
Só a idéa de Deus e do infinito
No oceano boiava!

Como é doce viver nas longas praias
Nestas ondas e sol e ventania!
Como ao triste scismar encanto aéreo
Nas sombras preludia!

O painel luminoso do horizonte
Como as candidas sombras allumia
Dos phantasmas de amor que nós amámos
Na ventura de um dia!

Como voltão gemendo e nebulosas,
Brancas as roupas, desmaiado o seio,
Inda uma vez a murmurar nos sonhos
As palavras do enleio!...

Aqui nas praias onde o mar rebenta
E a escuma no morrer os seios rola,
Virei sentar-me no silencio puro
Que o meu peito consola!

Sonharei — lá emquanto, no crepusculo,
Como um globo de fogo o sol se abysma
E o céo lampeja no clarão medonho
De negro cataclysma,

Emquanto a ventania se levanta
E no occidente o arrebol se atêa

No cinabrio de empyreo derramando
A nuvem que roxêa...

Hora solemne das idéas santas
Que embala o sonhador nas phantasias,
Quando a taça do amor embebe os labios
Do anjo das utopias!

Oceano de Deus! Que moribundo,
Do nauta na canção que voz perdida
Tão triste suspirou nas tuas ondas
Como um adeus á vida?

Que não cheio de gloria e d'esperanças,
Floreada ao vento a rubida bandeira,
Na luz do incendio rebentou bramindo
Na vaga sobranceira?

Porque ao sol da manhã, e ao ar da noite
Essa triste canção, eterna, escura
Como um throno de sombra e de agonia,
Nos teus labios murmura?

É vermelho de sangue o céo da noite
Que na luz do crepusculo se banha:
Que planeta do céo do roto seio
Golfeja luz tamanha?

Que mundo em fogo foi bater correndo
Ao peito de outro mundo — e uma torrente
De medonho clarão rasgou no ether
E jorra sangue ardente?

Onde as nuvens do céo voão dormindo
Que doirada mansão de aves divinas
N'um véo purpureo se enlutou rolando
Ao vento das ruinas?

CREPUSCULOS NAS MONTANHAS

Pallida estrella, casto olhar da noite, diamante luminoso na fronte azul do crepusculo, o que vês na planicie?

OSSIAN.

I

Além serpêa o dorso pardacento
Da longa serrania,
Rubro flammêa o véo sanguinolento
Da tarde na agonia.

No cinéreo vapor o céo desbota
N'um azulado incerto;

No ar se afóga desmaiando a nota
Do sino do deserto.

Vim alentar meu coração saudoso
No vento das campinas,
Emquanto nesse manto luctuoso
Pallida te reclinas,

E morre em teu silencio, ó tarde bella,
Das folhas o rumor
E late o pardo cão que os passos vela
Do tardio pastor!

II

Pallida estrella! o canto do crepusculo
Acorda-te no céo:
Ergue-te nua na floresta morta
No teu doirado véo!

Ergue-te! eu vim por ti e pela tarde
Pelos campos errar,
Sentir o vento, respirando a vida,
E livre suspirar.

E mais puro o perfume das montanhas
Da tarde no cahir :
Quando o vento da noite ruge as folhas,
É doce o teu luzir!

Estrella do pastor no véo doirado
Acorda-te na serra,
Inda mais bella no azulado fogo
Do céo da minha terra!

III

Estrella d'oiro, no purpureo leito
Da irmã da noite, branca e peregrina
No firmamento azul derramas dia
Que as almas illumina!

Abre o seio de perola, transpira
Esse raio de luz que a mente inflamma!
Esse raio de amor que ungiu meus labios
No meu peito derrama!

IV

Lo bel pianeta che ad amar conforta|
Faceva tudo rider l'oriente.

DANTE. *Purgatorio*.

Estrellinhas azues do céo vermelho,
Lagrimas d'oiro sobre o véo da tarde,
Que olhar celeste em palpebra divina
Vos derramou tremendo?

Quem á tarde, chrysolithas ardentes,
Estrellas brancas, vos sagrou saudosas
Da fronte della na azulada c'rôa
Como aureola viva?

Forão anjos de amor que vagabundos
Com saudades do céo vagão gemendo
E as lagrimas de fogo dos amores
Sobre as nuvens prantêão?

Creaturas da sombra e do mysterio,
Ou no purpureo céo doureis a tarde,

Ou pela noite scintilleis medrosas,
Estrellas, eu vos amo!

E quando exhausto o coração no peito
Do amor nas illusões espera e dorme,
Diaphanas vindes lhe doirar na mente
A sombra da esperança!

Oh! quando o pobre sonhador medita
Do valle fresco no orvalhado leito,
Inveja ás aguias o perdido vôo,
Para banhar-se no perfume ethereo,
E nessa argentea luz, no mar de amores
Onde entre sonhos e luar divino
A mão eterna vos lançou no espaço,
Respirar e viver!

DESALENTO

Porque havieis passar tão doces dias?
A. F. de Serpa Pimentel.

Feliz d'aquelle que no livro d'alma
Não tem folhas escriptas,
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lagrimas maldictas!

Feliz d'aquelle que de um anjo as transas
Não respirou sequer,
E não bebeu effluvios descorando
N'uma voz de mulher!

E não sentiu a mão cheirosa e branca
Perdida em seus cabellos,

Nem resvalou do sonho deleitoso
A reais pesadellos!

Quem nunca te beijou, flôr dos amores,
Flôr do meu coração,
E não pediu frescôr, febril e insano,
Da noite á viração!

Ah! feliz quem dormiu no collo ardente
Da huri dos amores,
Que soffrego bebeu o orvalho santo
Das perfumadas flores,

E pôde vêl-a morta ou esquecida
Dos longos beijos seus,
Sem blasphemar das illusões mais puras
E sem rir-se de Deus!

Mas, nesse doloroso soffrimento
Do pobre peito meu,
Sentir no coração que á dôr da vida
A esperança morreu!...

Que me resta, meu Deus? aos meus suspiros
Nem geme a viração,
E dentro — no deserto de meu peito
Não dorme o coração!

PALLIDA INNOCENCIA

Cette image du ciel — innocence et beauté!
LAMARTINE.

Porque, pallida innocencia,
Os teus olhos em dormencia
A medo lanças em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas fallas divinas
Em que amor languida afinas,
Em que languido sonhar?
E dormindo sem receio

Porque geme no teu seio
Ancioso suspirar?

Innocencia! quem dissera
De tua azul primavera
As tuas brizas de amor!
Oh! quem teus labios sentira
E que tremulo te abrira
Dos sonhos a tua flôr!

Que te dera a esperança
De tua alma de criança,
Que perfuma teu dormir!
Quem dos sonhos te acordasse
Que n'um beijo t'embalasse
Desmaiada no sentir!

Quem te amasse! e um momento
Respirando o teu alento
Recendesse os labios seus!
Quem lêra, divina e bella,
Teu romance de donzella
Cheio de amor e de Deus!

SONETO

Pallida á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das agoas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos as palpebras abrindo...
Formas núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

ANIMA MEA

E como a vida é bella e doce e amavel!
Não presta o espinhal a sombra ao leito
Do pastor do rebanho vagaroso,
Melhor que as sedas do lençol nocturno
Onde o pavido rei dormir não póde?

SHAKSPEARE, *Henr. IV*, 3ª *p.*

Quando nas séstas do verão saudoso
A sombra cai nos laranjaes do valle
Onde o vento adormece e se perfuma,
E os raios d'oiro, scintillando vivo,
Como chuva encantada se gotejão
Nas folhas do arvoredo recendente,
Parece que de afan dorme a natura,
E as aves silenciosas se mergulhão
No grato asylo da cheirosa sombra.

E que silencio então pelas campinas!
A flôr aberta na manhã mimosa,
E que os éstos do sol d'estio murchão,
Cerra as folhas doridas e procura
Da gramma no frescor doentio leito.

E doce então das folhas no silencio
Penetrar o mysterio da floresta,
Ou reclinado á sombra da mangueira
Um momento dormir, sonhar um pouco!
Ninguem que turve os sonhos de mancebo,
Ninguem que o indolente adormecido
Roube das illusões que o acalentão
E do molle dormir o chame á vida!

E é tão doce dormir! é tão suave
Da modorra no collo embalsamado
Um momento tranquillo deslisar-se!
Creaturas de Deus se peregrinão
Invisiveis na terra, consolando
As almas que padecem, certamente
É um anjo de Deus que toma ao seio
A fronte do poeta que descansa!

Ó florestas! ó relva amollecida,
A cuja sombra, em cujo doce leito

É tão macio descansar nos sonhos!
Arvoredos do valle! derramai-me
Sobre o corpo estendido na indolencia
O tépido frescor e o doce aroma!
E quando o vento vos tremer nos ramos
E sacodir-vos as abertas flores
Em chuva perfumada, concedei-me
Que enchão meu leito, minha face, a relva
Onde o molle dormir a amor convida!

E tu, Ilná, vem pois: deixa em teu collo
Descanse teu poeta: é tão divino
Sorver as illusões dos sonhos ledos
Sentindo á briza teus cabellos soltos
Meu rosto encherem de perfume e gozo!

Tudo dorme, não vês? dorme comigo,
Pousa na minha tua face bella
E o pallido setim da tez morena...
Fecha teus olhos languidos... no somno
Quero sentir os tumidos suspiros,
No teu seio arquejar, morrer nos labios
E no somno teu braço me enlaçando!

O minha noiva, minha doce virgem,
No regaço da bella natureza,

Anjo de amor, reclina-te e descansa!
Neste berço de flores tua vida
Limpida e pura correrá na sombra,
Como gota de mel em calix branco
Da flôr das selvas que ninguem respira.

Além, além nas arvores tranquillas
Uma voz acordou como um suspiro.
São ais sentidos de amorosa rôla
Que nos beijos de amor palpita e geme?
Ah! nem tão doce a rôla suspirando
Modula seus gemidos namorados,
Não trina assim tão longa e mollemente.
Em argentinas perolas o canto
Se exhala como as notas expirantes
De uma alma de mulher que chora e canta ..

É a voz do sabiá : elle dormia
Ebrióso de harmonia e se embalava
No silencio, na briza e nos effluvios
Das flores de laranja... Ilná, ouviste?
É o canto saudoso da esperança,
É dos nossos amores a cantiga
Que o aroma que exhalão teus cabellos,
Tua languida voz talvez lhe inspirão!

Vem, Ilná : dá-me um beijo — adormeçamos.

A cantilena do sabiá sombrio
Encanta as illusões, afaga o somno...
Oh! minha pensativa — descuidosa,
Eu sinto a vida bella em teu regaço,
Sinto-a bella nas horas do silencio
Quando em teu collo me reclino e durmo,
E ainda os sonhos meus vivem comtigo!

Ah! vem, ó minha Ilná : sei harmonias
Que a noite ensina ao violão saudoso
E que a lua do mar influe na mente;
E quando eu vibro as cordas tremulosas,
Como alma de donzella que respira,
Côa nas vibrações tanta saudade,
Tanto sonho de amor esvaecido,
Que o terno coração acorda e geme,
E os labios do poeta inda suspirão!

Anjo do meu amor! se os ais da virgem
Tem docuras, tem lagrimas divinas,
É quando no silencio, no mysterio
Sobre o peito do amante se derramão
No suffocado alento os molles cantos
Cantos de amor, de sêde e d'esperanças
Que nos labios febris lhe afoga um beijo!

Ouves, Ilná? meu violão palpita :

Quero lembrar um cantico de amores;
Fôra doce ao poeta, ao teu amante
Nos ais ardentes das maviosas fibras
Ouvir os teus alentos de mistura,
E as molles vibrações da cantilena
Este meu peito remoçar um pouco!
Virgem do meu amor, vem dar-me ainda
Um beijo — um beijo longo transbordando
De mocidade e vida, e nos meus sonhos
Minh'alma acordará — o sopro errante
Da alma da virgem tremerá meus seios
E a doce aspiração dos meus amores
No condão da harmonia ha de embalar-se!

A HARMONIA

Meu Deus! se ás vezes na passada vida
Eu tive sensações que emmudecião
Essa descrensa que me dóe na vida,
E, como orvalho que a manhã vapora,
Em seus raios de luz a Deus me erguião,
Foi quando ás vezes a modinha doce
Ao sol de minha terra me embalava,
E quando as arias de Bellini pallido
Em labios de Italiana estremecião!

Oh! santa Malibran! fôra tão doce
Pelas noites suaves do silencio
Nas lagrimas de amor, nos teus suspiros,

Na agonia de um beijo, ouvir gemendo
Entre meus sonhos tua voz divina!

Oh! Paganini! quando moribundo
Inda a rabeca ao peito comprimias,
Se o halito de Deus, essa alma d'anjo
Que das fibras do peito cavernoso
Arquejava nas cordas entornando
Murmurios d'esperança e da ventura,
Se a alma de teu viver roçou passando
N'algum labio sedento de poesia,
N'uma alma de mulher adormecida,
Se algum seio tremeu a concebel-o,
Esse alento de vida e de futuro,
Foi o teu seio, Malibran divina!

Ah! se nunca te ouvi, se teus suspiros,
Desdêmona sentida e moribunda,
Nunca pude beber no teu exilio,
Nos sonhos virginaes senti ao menos
Tua pallida sombra vaporosa
Nesta fronte que a febre incandescêra
Depôr um beijo, suspirar passando!

Meu Deus! e outr'ora se um momento a vida
De poesia orvalhou meus pobres sonhos
Foi n'uns suspiros de mulher saudosa,

Foi abatida, a fórma desmaiada,
Uma pobre infeliz que descorando
Fazia os prantos meus correr-me aos olhos!

Pobre! pobre mulher! esses mancebos
Que choravão por ti quando gemias,
Quando sentias a tua alma ardente
No canto esvaecer, pallida e bella,
E teu labio afogar entre hamonia
— Almas que de tua alma se nutrião,
Que davão-te seus sonhos, e amorosas
Desfolhavão-te aos pés a flôr da vida,
Ai quantas não sentiste palpitantes,
Nem ousando beijar teu véo d'esposa,
Nas longas noites nem sonhar comtigo!

E hoje riem de ti! da creatura
Que insana profanou as azas brancas,
Que n'um riso sem dó, uma per uma
Na torrente fatal soltava rindo,
E as sentia boiando solitarias,
As flores da corôa, como Ophelia!...
Que illudida de amor vendeu a gloria
E deu seu collo nú a beijo impuro...
Elles riem de ti — mas eu, coitada,
Pranteio teu viver e te perdôo!

Fada branca de amor, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?
Porque deixavas encostada ao ceio
A cabeça febril do libertino?
Porque descias das regiões doiradas
E lançavas ao mar a rota lyra
Para vibrar tua alma em labios delle?
Porque foste gemer na órgia ardente
A santa inspiração de teus poetas,
Perder teu coração em vis amores?
Anjo branco de Deus, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?

Pallida Italiana! hoje esquecida
O escarneo do plebeu murchou teus louros:
Tua voz se cansou nos dithyrambos,
E tu não voltas com as mãos na lyra
Vibrar nos corações as cordas virgens
E ao genio adormecido em nossas almas
Na fronte desfolhar tuas corôas!...

. . . . . .

VIDA

Oh! laisse-moi t'aimer pour que j'aime la vie!
Pour ne point au bonheur dire un dernier adieu,
Pour ne point blasphémer les biens que l'homme envie
Et pour ne pas douter de Dieu!

ALEXANDRE DUMAS.

I

Oh! falla-me de ti! eu quero ouvir-te
Murmurar teu amor:
E nos teus labios perfumar do peito
Minha pallida flôr.

De tua letra nas queridas folhas
Eu sinto-me viver,

E as paginas do amor sobre meu peito
Fazem-me estremecer !

E, quando á noite delirante durmo,
Deito-as no peito meu :
Nos deliquios de amor, ó minha amante,
Eu sonho o seio teu,

A alma que as inspirou, que lhes deu vida
E o fogo da paixão,
E derramou as notas doloridas
Do virgem coração !

Eu quero-as no meu peito, como sonho
Teu seio de donzella,
Para sonhar comtigo o céo mais puro
E a esperança mais bella !

II

A nós a vida em flôr, a doce vida
Recendente de amor !
Cheia de sonhos d'esperança e beijos
E pallido languor !

A tua alma infantil junto da minha
No fervor do desejo,
Nossos labios ardentes descorando
Comprimidos n'um beijo,

E as noites bellas de luar, e a febre
Da vida juvenil,
E este amor que sonhei, que só me alenta
No teu collo infantil!

III

Vem comigo ao luar — amemos juntos
Neste valle tranquillo,
De abertas flores e cahidas folhas
No perfumado asylo.

Aqui sómente a rôla da floresta
Da sesta no calor
O tremer sentirá dos longos beijos
E verá teu pallôr.

A noite encostarei a minha fronte
No virgem collo teu;

Terei por leito o valle dos amores,
Por tenda o azul do céo!

E terei tua imagem mais formosa
Nas vigilias do val:
Será da vida meu suave aroma
Teu lyrio virginal.

IV

Que importa que o anathema do mundo
Se eleve contra nós,
Se é bella a vida n'um amor immenso
Na solidão — a sós?

Se nós teremos o cahir da tarde
E o frescor da manhã:
E tu és minha mãi, e meus amores
E minha alma de irmã?

Se teremos a sombra onde se esfolhão
As flores do retiro —
E a vida além de ti — a vida ingloria —
Não me vale um suspiro?

Bate a vida melhor dentro do peito
Do campo na tristeza
E o aroma vital, alli, do seio
Derrama a natureza :

E, aonde as flores no deserto dormem
Com mais viço e frescôr,
Abre linda tambem a flôr da vida
Da lua no pallor.

C....

Oh! não tremas! que este olhar, este abraço te digão o que é inefavel — abandonar-se sem receio, inebriar-se de uma voluptuosidade que deve ser eterna.

GŒTHE. *Faust.*

Sim — corocmos as noites
Com as rosas do hymeneo;
Entre flores de laranja
Serás minha e serei teu!

Sim — quero em leito de flores
Tuas mãos dentro das minhas...
Mas os cirios dos amores
Sejão só as estrellinhas.

Por incenso os teus perfumes,
Suspiros por oração,
E por lagrimas, sómente
As lagrimas da paixão !

Dos véos da noiva só tenhas
Dos cilios o negro véo ;
Basta do collo o setim
Para as Madonas do céo !

Eu soltarei-te os cabellos...
Quero em teu collo sonhar !
Hei de embalar-te... do leito
Seja lampada o luar !

Sim — coroemos as noites
Da laranjeira co'a flôr ;
Adormeçamos n'um templo
Mas seja o templo do amor.

É doce amar como os anjos
Da ventura no hymeneo :
Minha noiva, ou minh'amante
Vem dormir no peito meu !

Dá-me um beijo — abre teus olhos

Por entre esse humido véo :
Se na terra és minha amante,
És a minha alma no céo !

NO TUMULO DO MEU AMIGO

JOÃO BAPTISTA DA SILVA PEREIRA JUNIOR

EPITAPHIO

Perdão, meu Deus, se a tunica da vida
Insano profanai-a nos amores!
Se á corôa dos sonhos perfumados
Eu proprio desfolhei as roseas flores!

No vaso impuro corrompeu-se o nectar,
A argila da existencia desbotou-me!
O sol de tua gloria abriu-me as palpebras,
Da nodoa das paixões purificou-me!

E quantos sonhos na illusão da vida,
Quanta esperança no futuro ainda !
Tudo calou-se pela noite eterna...
E eu vago errante e só na treva infinda...

Alma em fogo, sedenta de infinito,
N'um mundo de visões o vôo abrindo,
Como o vento do mar no céo nocturno
Entre as nuvens de Deus passei dormindo !

A vida é noite : o sol tem véo de sangue :
Tactêa a sombra a geração descrida...
Acorda-te, mortal ! é no sepulchro
Que a larva humana se desperta á vida !

Quando as harpas do peito a morte estala,
Um threno de pavor soluça e vôa :
E a nota divinal que rompe as fibras
Nas dulías angelicas echôa !

O PASTOR MORIBUNDO

CANTIGA DE VIOLA

A existencia dolorida
Cansa em meu peito : eu bem sei
Que morrerei !
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flôr
No teu amor !

Do coração nos refolhos
Solta um ai ! n'um teu suspiro
Eu respiro !
Mas fita ao menos teus olhos

Sobre os meus : eu quero-os vér
Para morrer !

Guarda comtigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei !
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti !

Se um dia tua alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu seraphim !
Talvez notas de ternura —
Inspirem o doudo amor
Do trovador !

TARDE DE VERÃO

Viens! . . . .
Que l'arbre pénétré de parfums et de chants,
. . . . . .
Et l'ombre et le soleil, et l'onde et la verdure,
Et le rayonnement de toute la nature
Fassent épanouir comme une double fleur
La beauté sur ton front, et l'amour dans ton cœur!

V. Hugo.

Como cheirosa e doce a tarde expira!
De amor e luz inunda a praia bella:
E o sol já rôxo e tremulo desdobra
Um iris furta-côr na fronte della

Deixai que eu morra só! emquanto o fogo
Da ultima febre dentro em mim vacilla,
Não venhão illusões chamar-me á vida,
De saudades banhar a hora tranquilla!

Meu Deus! que eu morra em paz! não me corôem
De flores infecundas a agonia!
Oh! não doire o sonhar do moribundo
Lisongeiro pincel da phantasia!

Exhaurido de dôr e d'esperança
Posso aqui respirar mais livremente,
Sentir ao vento dilatar-se a vida,
Como a flôr da lagôa transparente!

Se ella estivesse aqui! no valle agora
Cai doce a briza morna desmaiando:
Nos murmurios do mar fôra tão doce
Da tarde no pallor viver amando!

Unil-a ao peito meu — nos labios della
Respirar uma vez, cobrando alento;
Á divina visão de seus amores
Acordar o meu peito inda um momento!

Fulgura a minha amante entre meus sonhos,
Como a estrella do mar nas agoas brilha;
Bebe á noite o favonio em seus cabellos
Mais suave o aroma que a baunilha.

Se ella estivesse aqui! jamais tão doce
O crepusculo o céo embellecêra,

E a tarde de verão fôra mais bella
Brilhando sobre a sua primavera!

Da languida pupilla de seus olhos
N'um olhar a desdem entorna amores,
Como á briza vernal na relva molle
O pecegueiro em flôr derrama flores.

Arvore florescente desta vida,
Que amor, belleza, e mocidade encantão,
Derrama no meu seio as tuas flores
Onde as aves do céo á noite cantão!

Vem! a areia do mar cobri de flores,
Perfumei de jasmins teu doce leito;
Podes suave, a noiva do poeta,
Suspirosa dormir sobre meu peito!

Não tardes, minha vida! no crepusculo
Ave da noite me acompanha a lyra...
É um canto de amor... Meu Deus! que sonhos!
Era ainda illusão — era mentira!

TARDE DE OUTOMNO

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

ALFRED DE MUSSET.

O POETA

Oh ! musa, porque vieste,
E comtigo me trouxeste
A vagar na solidão ?
Tu não sabes que a lembrança
De meus annos de esperança
Aqui falla ao coração ?

A SAUDADE

De um puro amor a languida saudade

É doce como a lagrima perdida
Que banha no scismar um rosto virgem.
Volta o rosto ao passado, e chora a vida.

O POETA

Não sabes o quanto dóe
Uma lembrança que róe
A fibra que adormeceu?,..
Foi neste valle que amei,
Que a primavera sonhei,
Aqui minha alma viveu.

A SAUDADE

Pallidos sonhos do passado morto
É doce reviver mesmo chorando.
A alma refaz-se pura. Um vento aéreo
Parece que do amor nos vai roubando.

O POETA

Eu vejo ainda a janella
Onde á tarde junto della
Eu lia versos de amor...
Como eu vivia d'enleio
No bater daquelle seio,
Naquelle aroma de flôr!

Creio vêl-a inda formosa,
Nos cabellos uma rosa,
De leve a janella abrir...
Tão bella, meu Deus, tão bella!
Porque amei tanto, donzella,
Se devias me trahir?

A SAUDADE

A casa está deserta. A parasita
Das paredes estala a negra côr.
Os aposentos o hervaçal povôa.
A porta é franca... Entremos, trovador!

O POETA

Derramai-vos, prantos meus!
Dai-me prantos, ó meu Deus!
Eu quero chorar aqui!
Em que sonhos de ebriedade
No arrebol da mocidade
Eu nesta sombra dormi!

Passado, porque murchaste?
Ventura, porque passaste
Degenerando em saudade?
Do estio secou-se a fonte,

Só ficou na minha fronte
A febre da mocidade.

A SAUDADE

Sonha, poeta, sonha ! Alli sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoias sobre a mão a face pallida,
Sorrindo — dos amores á cantiga.

O POETA

Minha alma triste se enluta,
Quando a voz interna escuta
Que blasphema da esperança.
Aqui tudo se perdeu,
Minha pureza morreu
Com o enlevo de criança !

Alli amante ditoso,
Delirante suspiroso,
Effluvios della sorvi.
No seu collo eu me deitava...
E ella tão doce cantava !
De amor e canto vivi !

Na sombra deste arvoredo

Oh ! quantas vezes a medo
Nossos labios se tocárão !
E os seios onde gemia
Uma voz que *amor* dizia,
Desmaiando me apertarão !

Foi doce nos braços teus,
Meu anjo bello de Deus,
Um instante do viver !
Tão doce, que em mim sentia
Que minh'alma se esvaia
E eu pensava alli morrer !

A SAUDADE

É berço de mysterio e d'harmonia
Seio mimoso de adorada amante.
A alma bebe nos sons que amor suspira
A voz, a doce voz de uma alma errante.

Tingem-se os olhos de amorosa sombra,
Os labios convulsivos estremecem,
E a vida foge ao peito... apenas tinge
As faces que de amor empallidecem.

Parece então que o agitar do gozo

Nossos labios attrai a um bem divino :
Da amante o beijo é puro como as flores
E a voz della é doce como um hymno.

Dizei-o vós, dizei, ternos amantes,
Almas ardentes que a paixão palpita,
Dizei essa emoção que o peito gela
E os frios nervos n'um espasmo agita.

Vinte annos ! como tens doirados sonhos !
E como a nevoa de fallaz ventura
Que se estende nos olhos do poeta
Doira a amante de nova formosura !

O POETA

Que gemer ! não me enganava ?
Era o anjo que velava
Minha casta solidão ?
São minhas noites gozadas,
As venturas choradas
Que vibrão meu coração ?

É tarde, amores, é tarde;
Uma scentelha não arde
Na cinza dos seios meus...

Por ella tanto chorei,
Que mancebo morrerei...
Adeus, amores, adeus!

CANTIGA

I

Em um castello doirado
Dorme encantada donzella;
Nasceu — e vive dormindo
— Dorme tudo junto della.

Adormeceu-a sonhando
Um feiticeiro condão,
E dormem no seio della
As rosas do coração.

Dorme a lampada argentina
Defronte do leito seu :
Noite a noite a lua triste
Dorme pallida no céo.

Voão os sonhos errantes
Do leito sob o docel,
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel.

E no castello, sósinha,
Dorme encantada donzella :
Nasceu — e vive dormindo
— Dorme tudo junto della.

Dormem cheirosas abrindo
As roseiras em botão,
E dormem no seio della
As rosas do coração!

II

A donzella adormecida
É a tua alma santinha,

Que não sonha nas saudades
E nos amores da minha.

— Nos meus amores que velão
Debaixo do teu docel,
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel!

Acorda, minha donzella!
Foi-se a lua — eis a manhã
E nos céos da primavera
É a aurora tua irmã!

Abrirão no valle as flores
Sorrindo na fresquidão:
Entre as rosas da campina
Abrão-se as do coração!

Acorda, minha donzella,
Soltemos da infancia o véo...
Se nós morrermos, n'um beijo,
Acordaremos no céo.!

SAUDADES

'Tis vain to struggle — let me perish young!
BYRON.

Foi por ti que n'um sonho de ventura
A flôr da mocidade consumi,
E ás primaveras digo adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci!

Vinte annos! derramei-os gota a gota
N'um abysmo de dôr e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte annos!... não vivi um só momento!

Comtudo no passado uma esperança
Tanto amor e ventura promettia,
E uma virgem tão doce, tão divina
Nos sonhos junto a mim adormecia !...

. . . . . .

Quando eu lia com ella — e no romance
Suspirava melhor ardente nota,
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Werther se morria por Carlota,

Eu sentia a tremer, a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma innocentinha,
E uma furtiva lagrima rolando
Da face della humedecer a minha !

E quantas vezes o luar tardio
Não viu nossos amores innocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos canticos ardentes?

E quantas vezes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas,
E que o céo ia abrir-se, e entre os anjos
Eu ia me acordar em noites puras?

Foi esse o amor primeiro — requeimou-me
As arterias febris de juventude,
Acordou-me dos sonhos da existencia
Na harmonia primeira do alaúde!

. . . . . .

Meu Deus! e quantas eu amei!... Comtudo
Das noites voluptuosas da existencia
Só restão-me saudades dessas horas
Que illuminou tua alma d'innocencia!

Forão trez noites só... trez noites bellas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gozo!

E por trez noites padeci trez annos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Trez annos de esperança e de martyrio...
Trez annos de soffrer — e espero ainda!

A ti se erguérão meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso:
Votei-os á imagem dos amores
P'ra velal-a nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d'esperança!
Mas hoje o coração desbota, esfria,
E do peito no tumulo descansa!

Pallida sombra dos amores santos,
Passa quando eu morrer, no meu jazigo:
Ajoelha-te ao luar e canta um pouco,
E lá na morte eu sonharei comtigo!

12 de septembro, 1851.

ESPERANÇAS

Oh! si elle meût aimé!...
ALFRED DE VIGNY. *Chatterton.*

Se a illusão de minh'alma foi mentida,
E, leviano, da arvore da vida
As flores desbotei;
Se por sonhos do amor de uma donzella
Immolei meu porvir, e o ser por ella
Em prantos esgotei;

Se a alma consumi na dôr que mata,
E banhei de uma lagrima insensata
A ultima esperança,

Oh ! não me odeies, não ! eu te amo ainda,
Como dos mares pela noite infinda
A estrella da bonança !

Como nas folhas do Missal do templo,
Os mysterios de Deus em ti contemplo
E na tua alma os sinto !
As vezes, delirante se eu maldigo
As esperanças que sonhei comtigo,
Perdôa-me, que minto !

Oh ! não me odeies, não ! eu te amo ainda,
Como do peito a aspiração infinda
Que me influe o viver,
E como a nuvem de azulado incenso ;
Como eu amo esse affecto unico, immenso
Que me fará morrer !

Rompeste a alva tunica luzente
Que eu doirava por ti de amor demente
E aromei de abusões...
Déste-me em troco lagrimas acerrimas...
Ah ! que morrêrão a sangrar miserrimas
As minhas illusões !

Nos encantos das fadas da ventura

Podes dormir ao sol da formosura
Sempre bella e feliz :
Irmã dos anjos, sonharei comtigo :
A alma a quem negaste o ultimo abrigo
Chora... não te maldiz!

Chora — e sonha — e espera : a negra sina
Talvez no céo se apague em purpurina
Alvorada de amor...
E eu acorde no céo n'um teu abraço :
E repouse tremendo em teu regaço
Teu pobre sonhador!

VIRGEM MORTA

Oh! make her a grove where the sun-beams rest,
When they promise a glorious morrow!
They'ill sink o'er her sleep, like a smile from the west,
From her own loved land of sorrow.

TH. MOORE.

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flôr o mar suspira,
E, quando geme a briza do crepusculo,
Mais poesia do arrebòl transpira;

Nas horas em que a tarde moribunda
As nuvens roxas desmaiando corta,

No leito molle da molhada areia
Manso repousem a belleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe
No seu dormir da laranjeira as flores,
Vistão-na de setim, e o véo de noiva
Lhe desdobrem da face nos pallores.

Vaguêe em torno, de saudosas virgens,
Errando á noite, a lamentosa turma ;
Nos canticos de amor e de saudade
Junto ás ondas do mar a virgem durma.

Á briza da saudade suspirando
Ahi na tarde, mysteriosa e bella,
Entregarei as cordas do alaúde
E irei meus sonhos prantear per ella !

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe
E de amorosos prantos perfumal-a,
E a essencia dos canticos divinos,
No tumulo da virgem, derramal-a.

Que importa que ella durma descorada,
E velasse o pallor a côr do pejo ?
Quero a delicia que o amor sonhava,
Nos labios della pressentir d'um beijo.

Desbotada corôa do poeta,
Foi ella mesma quem prendeu-te flores...
Ungiu-as no sacrario de seu peito
Inda virgem do alento dos amores...

Na minha fronte riu de ti passando
Dos sepulchros o vento peregrino...
Irei eu mesmo desfolhar-te agora
Da fronte della no pallôr divino!...

E comtudo eu sonhava! e pressuroso
Da esperança o licôr sorvi sedento!
Ah! que tudo passou! — só tenho agora
O sorriso de um anjo macilento!

. . . . . .

Ó minha amante, minha doce virgem,
Eu não te profanei, e dormes pura:
No somno do mysterio, qual na vida,
Podes sonhar apenas na ventura.

Bem cedo ao menos eu serei comtigo
— Na dôr do coração a morte leio...
Poderei amanhã, talvez, meus labios
Da irmã dos anjos encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus valles
Com ella sonharei eternamente,
Nas noites junto ao mar, e no silencio,
Que das notas enchi da lyra ardente!...

Dorme alli minha paz, minha esperança,
Minha sina de amor morreu com ella,
E o genio do poeta, lyra eolia
Que tremia ao alento da donzella!

Qu'esperanças, meu Deus! E o mundo agora
Se inunda em tanto sol no céo da tarde!
Acorda, coração!... Mas no meu peito
Labio de morte murmurou — É tarde!

É tarde! e quando o peito estremecia
Sentir-me abandonado e moribundo!
É tarde! é tarde! ó illusões da vida,
Morreu com ella da esperança o mundo!..

No leito virginal de minha noiva
Quero, nas sombras do verão da vida,
Prantear os meus unicos amores,
Das minhas noites a visão perdida!

Quero alli, ao luar, sentir passando
Por alta noite a viração marinha,

E ouvir, bem junto ás flores do sepulchro,
Os sonhos de sua alma innocentinha.

E quando a magoa devorar meu peito,
E quando eu morra de esperar por ella,
Deixai que eu durma alli e que descanse,
Na morte ao menos, junto ao seio della!

HYMNOS DO PROPHETA

I

UM CANTO DO SECULO

Spiritus meus attenuabitur, dies mei breviabuntur, et solum mihi superest sepulchrum....

Job.

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir;
A minha alma só canta a sepultura,
Nem ultima illusão beija e conforta
Meu suarento dormir...

Debalde! que exhauriu-me o desalento :
A flór que aos labios meus um anjo déra
Murrou na solidão...
Do meu inverno pelo céo nevoento
Não se levantará nem primavera
Nem raio de verão!

Invejo as flores que murchando morrem,
E as aves que desmaião-se cantando
E expirão sem soffrer...
As minhas veias inda ardentes correm,
E na febre da vida agonisando
Eu me sinto morrer!

Tenho febre — meu cerebro transborda...
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor!
Oh! cantemos ainda! a ultima corda
Inda palpita... morrerei cantando
O meu hymno de amor!

Meu sonho foi a gloria dos valentes,
De um nome de guerreiro a eternidade
Nos hymnos seculares :
Foi nas praças, de sangue ainda quentes,

Desdobrar o pendão da liberdade
Nas frontes populares!

Meu amor foi a verde laranjeira
Cheia de sombra, á noite abrindo as flores
Melhor que ao meio-dia:
A varzea longa — a lua forasteira
Que pallida como eu, sonhando amores,
De nevoa se cobria.

Meu amor foi o sol que madrugava,
O canto matinal dos passarinhos
E a rosa predilecta...
Fui um louco, meu Deus! quando tentava
Descorado e febril manchar nos vinhos
Meus louros de poeta!

Meu amor foi o sonho dos poetas
— O bello — o genio — de um porvir liberto
A sagrada utopia.
E á noite prantei como os prophetas,
Dei lagrimas de sangue no deserto
Dos povos á agonia!

Meu amor!... foi a mãi que me alentava,
Que viveu e esperou por minha vida

E prantêa por mim...
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
De roto bandolim...

E agora o unico amor... o amor eterno
Que no fundo do peito aqui murmura
E acende os sonhos meus,
Que lança algum luar no meu inverno,
Que minha vida no penar apura
É o amor de meu Deus!

E só no effluvio desse amar immenso
Que a alma derrama as emoções captivas
Em suspiros sem dôr:
E no vapor do consagrado incenso
Que as sombras da esperança redivivas
Nos beijão o pallor!

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei minha amante noite e dia
E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto...
Não poderei ao menos na agonia
Descansar-lhe no seio!

Passei como Don Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel, nas longas despedidas...
Meu Deus! ninguem me amou!

Vivi na solidão — odeio o mundo,
E no orgulho embucei meu rosto pallido
Como um astro nublado...
Ri-me da vida — lupanar immundo
Onde se volve o libertino esqualido
Na treva... profanado!

Quantos hei visto desbotarem frios
Manchados de embriaguez da orgia em meio
Nas infamias do vicio!
E quantos morreráõ inda sombrios
Sem remorso dos negros devaneios...
Sentindo o precipicio!

Quanta alma pura, e virgem menestrel
Que adormeceu no tremedal sem fundo,
No lodo se manchou!
Que lyras estaladas no bordel!

E que poetas que perdeu o mundo
Em Bocage e Marlowe!

Morrer! alli na sombra — na taverna
A alma que em si continha um canto aerio
No peito solitario!
Sublime como a nota obscura, eterna,
Que o bronze vibra em noites de mysterio
No escuro campanario!

Ó meus amigos, deve ser terrivel
Sobre as taboas immundas, inda ebrioso,
Na solidão morrer!
Sentir as sombras dessa noite horrivel
Surgirem dentre o leito pavoroso...
Sem um Deus para crêr!

Sentir que a alma, desbotado lyrio,
N'um mundo ignoto vagará chorando
Na treva mais escura...
E o cadaver sem lagrima, sem cirio,
Na calçada da rua, desbotando,
Não terá sepultura!

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias inflamma o sangue em lava

E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Mergulha a geração que se acordava...
E nuta de agonia!

São tristes deste seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir —
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir!

Fôra bello talvez, em pé, de novo
Como Byron surgir — ou na tormenta
O homem de Waterloo ;
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão da nuvem que rebenta
E o raio derramou!

Fóra bello talvez sentir no craneo
A alma de Goethe, e resumir na fibra
Milton, Homero et Dante
— Sonhar-se n'um delirio momentaneo
A alma da creação e o som que vibra
A terra palpitante!

Mas ah! o viajor nos cemiterios
Nessas núas caveiras não escuta
Vossas almas errantes...
Do estandarte medonho nos imperios
A morte, leviana prostituta,
Não distingue os amantes!

Eu, pobre sonhador — eu, terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente,
Comvosco dormirei :
E dentre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

Ó morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer,
Voltará ámanhã aziagas sinas
Na terra n'uma face macilenta
Esperar e soffrer?

Meu Deus! antes, meu Deus! que uma outra vida
Com teu braço eternal meu ser esmaga
E minha alma aniquila :
A estrella de verão no céo perdida

Tambem ás vezes teu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

II

LAGRIMAS DE SANGUE

Tædet animam meam vitæ meæ.
Job.

Ao pé das aras no clarão dos cirios
Eu te devêra consagrar meus dias,
Perdão, meu Deus! perdão
Se neguei meu Senhor nos meus delirios
E um canto de enganosas melodias
Levou meu coração!

Só tu, só tu podias o meu peito
Fartar de immenso amor e luz infinda
E uma saudade calma!
Ao sol de tua fé doirar meu leito
E de fulgores inundar ainda
A aurora na minh'alma.

Pela treva do espirito lancei-me,
Das esperanças suicidei-me rindo...
Suffoquei-as sem dó.
No valle dos cadaveres sentei-me
E minhas flores semeei sorrindo
Dos tumulos no pó.

Indolente Vestal, deixei no templo
A pyra se apagar — na noite escura
O meu genio descreu.
Voltei me para a vida... só contemplo
A cinza da illusão que alli murmura:
Morre! — tudo morreu!

Cinzas, cinzas... Meu Deus! só tu podias
Á alma que se perdeu bradar de novo:
Resurge-te ao amor!
Macilento, das minhas agonias
Eu deixaria as multidões do povo
Para amar o Senhor!

Do leito aonde o vicio acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me,

Acordei-me na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

Oh! se eu podesse amar!... — É impossivel! —
Mão fatal escreveu na minha vida;
A dôr me envelheceu.
O desespero pallido, impassivel
Agoirou minha aurora entristecida,
De meu astro descreu.

Oh! se eu podesse amar! Mas não: agora
Que a dôr emmurcheceu meus breves dias,
Quero na cruz sanguenta
Derramal-os na lagrima que implora,
Que mendiga perdão pela agonia
Da noite lutulenta!

Quero na solidão — nas ermas grutas
A tua sombra procurar chorando
Com meu olhar incerto:
As palpebras doridas nunca enxutas
Queimarei... teus phastasmas invocando
No vento do deserto.

De meus dias a lampada se apaga:
Roêrão meu viver mortaes venenos;

Curvo-me ao vento forte.
Teu funebre clarão que a noite alaga,
Como a estrella oriental me guie ao menos
Té o valle da morte!

No mar dos vivos o cadaver boia
— A lua é descorada como um craneo,
Este sol não reluz ·
Quando na morte a palpebra se engoia,
O anjo se acorda em nós — e subitaneo
Vôa ao mundo da luz!

Do val de Josaphat pelas gargantas
Uiva na treva o temporal sem norte
E os phantasmas murmurão...
Irei deitar-me nessas trevas santas,
Banhar-me na friez lustral da morte
Onde as almas se apurão!

Mordendo as clinas do corsel da sombra,
Suffocado, arquejante passarei
Na noite do infinito.
Ouvirei essa voz que a treva assombra,
Dos labios de minh'alma entornarei
O meu cantico afflicto!

Flores cheias de aroma e de alegria,
Porque na primavera abrir cheirosas
E orvalhar-vos abrindo?
As torrentes da morte vem sombrias,
Hão de ámanhã nas agoas tenebrosas
Vos rebentar bramindo.

Morrer! morrer! É voz das sepulturas!
Como a lua nas salas festivaes
A morte em nós se estampa!
E os pobres sonhadores de venturas
Roxêão ámanhã nos funeraes
E vão rolar na campa!

Que vale a gloria, a saudação que enleva
Dos hymnos triumphaes na ardente nota,
E as turbas devaneia?
Tudo isso é vão, e cala-se na treva
— Tudo é vão, como em labios de idiota
Cantiga sem idéa.

Que importa? quando a morte se descarna,
A esperança do céo fluetua e brilha
Do tumulo no leito:
O sepulchro é o ventre onde se encarna

Um verbo divinal que Deus perfilha
E abysma no seu peito!

Não chorem! que essa lagrima profunda
Ao cadaver sem luz não dá conforto...
Não o acorda um momento!
Quando a treva medonha o peito inunda,
Derrama-se nas palpebras do morto
Luar de esquecimento!

Caminha no deserto a caravana,
N'uma noite sem lua arqueja e chora...
O termo... é um sigillo!
O meu peito cansou da vida insana;
Da cruz á sombra, junto aos meus, agora
Eu dormirei tranquillo!

Dorme alli muito amor... muitas amantes,
Donzellas puras que eu sonhei chorando
E vi adormecer.
Ouço da terra canticos errantes,
E as almas saudosas suspirando,
Que fallão em morrer...

Aqui dormem sagradas esperanças,
Almas sublimes que o amor erguia...

E gelárão tão cedo!
Meu pobre sonhador! ahi descansas,
Coração que a existencia consumia
E roeu em segredo!...

Quando o trovão romper as sepulturas,
Os craneos confundidos acordando
No lodo tremerão.
No lodo pelas tenebras impuras
Os ossos estalados tiritando
Dos valles surgirão!

Como rugindo a chamma encarcerada
Dos negros flancos do volcão rebenta
Golfejando nos céos,
Entre nuvem ardente e trovejada
Minh'alma se erguerá, fria, sangrenta,
Ao throno de meu Deus...

Perdôa, meu Senhor! O errante crente
Nos desesperos em que a mente abrazas
Não o arrojes p'lo crime!
Se eu fui um anjo que descreu demente
E no oceano do mal rompeu as azas,
Perdão! arrependi-me!

III

A TEMPESTADE

FRAGMENTO

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes, rindo, adeus!
Vim adorar na serrania escura
A sombra de meu Deus!

O céo ennegreceu — lá no occidente
Rubro o sol se apagou
E galopa o corsel da tempestade
Nas nuvens que rasgou!

Da gruta negra a cataracta rola,
Alaga a serra bronca,
Esbarra pelo abysmo, escuma uivando
E pelas trevas ronca.

O chão nú escalvado p'las torrentes
Tremulo se fendeu —
Da serrania a lomba escaveirada
O raio ennegreceu.

Cede a floresta ao arquejar fremente
Do rijo temporal,
Ribomba e rola o raio — nos abysmos
Sibila o vendaval.

Nas trevas o relampago fascina,
A selva se incendêa;
Chuva de fogo pelas serras hirtas
Plantastica serpêa...

Amo a voz da tempestade,
Porque agita o coração,
E o espirito inflammado
Abre as azas no trovão!

A minha alma se devora
Na vida morta e tranquilla...

Quero sentir emoções,
Vêr o raio que vacilla!

Emquanto as raças medrosas
Banhão de prantos o chão,
Eu quero erguer-me na treva,
Saudar glorioso o trovão!

Jehovah! derrama em chuva
Os teus raios incendidos,
Tua voz na tempestade
Rebôa nos meus ouvidos!

É quando as nuvens ribombão
E a selva medonha está
Que no relampago surge
A face de Jehovah!

A tuba da tempestade
Rouqueja nos longos céos.
De joelhos na montanha,
Espero agora meu Deus!

O caminho rasgou-se. — Mil torrentes
Rebentão bravejando,
Rodão na espuma as rochas gigantescas
Pelo abysmo tombando.

Como em noite do cháos, os elementos
Incandescentes lutão
— Negra a terra — o céo rubro — o mar vozêa
E as florestas escutão...

Tudo se escureceu — e pela treva
No chão sem sepultura
Os mortos se revolvem tiritando
Á longa noite escura.

. . . . . .

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes, rindo, adeus!
Vim fitar ao clarão da tempestade
A sombra de meu Deus!

LEMBRANÇA DE MORRER

No more! o never more!
SHELLEY.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espirito enlaça á dôr vivente,
Não derramem por mim nem uma lagrima
Em palpebra demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do valle que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadello
Que se desfaz ao dobre de um sineiro ;

Como um desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia :
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãi, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas !

De meu pai... de meus unicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavão
Quanto, em noites de febre endoudecido,
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Se uma lagrima as palpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos labios me encostou a face linda !

Só tu á mocidade sonhadora
Do pallido poeta déste flôres...

Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e núa,
Verei crystallisar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céo, eu vou amar comtigo!

Descansem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida,
A sombra de uma cruz, e escrevão nella:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. —

Sombras do valle, noites da montanha
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silencio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando á meia-noite o céo repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

SEGUNDA PARTE

UM CADAVER DE POETA

> Levem ao tumulo aquelle que parece um cadaver! Tu não pesaste sobre a terra : a terra te seja leve!
>
> L. Uhland.

I

De tanta inspiração e tanta vida
Que os nervos convulsivos inflammava
E ardia sem conforto...
O que resta? uma sombra esvaecida,
Um triste que sem mãi agonisava...
Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura,
Frias na fronte as illusões — no peito
Quebrado o coração!
Nem saudades levar da vida impura
Onde arquejou de fome... sem um leito!
Em treva e solidão!

Tu foste como o sol; tu parecias
Ter na aurora da vida a eternidade
Na larga fronte escripta...
Porém não voltarás como surgias!
Apagou-se teu sol da mocidade
N'uma treva maldita!

Tua estrella mentiu. E do fadario
De tua vida a pagina primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre genio de Deus, nem um sudario!
Nem tumulo nem cruz! como a caveira
Que um lobo devorou!...

II

Morreu um trovador — morreu de fome.
Acharão-o deitado no caminho :
Tão doce era o semblante ! Sobre os labios
Fluctuava-lhe um riso esperançoso.
E o morto parecia adormecido.

Ninguem ao peito recostou-lhe a fronte
Nas horas da agonia ! Nem um beijo
Em boca de mulher ! nem mão amiga
Fechou ao trovador os tristes olhos !
Ninguem chorou por elle... No seu peito
Não havia collar nem bolsa d'oiro ;
Tinha até seu punhal um ferreo punho...
Pobretão ! não valia a sepultura !

Todos o vião e passavão todos.
Comtudo era bem morto desde a aurora.
Ninguem lançou-lhe junto ao corpo immovel
Um seitil para a cova !... nem sudario !

O mundo tem razão, sisudo pensa,
E a turba tem um cerebro sublime !
De que vale um poeta — um pobre louco
Que leva os dias a sonhar — insano
Amante de utopias e virtudes
E, n'um tempo sem Deus, ainda crente ?

A poesia é de certo uma loucura ;
Seneca o disse, um homem de renome.
É um defeito no cerebro... Que doudos !
É um grande favor, é muita esmola
Dizer-lhes *bravo !* á inspiração divina,
E, quando tremem de miseria e fome,
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...
Quando é gelada a fronte sonhadora,
Porque ha de o vivo que despreza rimas
Cansar os braços arrastando um morto,
Ou pagar os salarios do coveiro ?
A bolsa esvasiar por um miserrimo,
Quando a emprega melhor em lodo e vicio !

E que venhão ahi fallar-me em Tasso !
Culpar Affonso d'Est — um soberano ! —
Por não lhe dar a mão da irmã fidalga !
Um poeta é um poeta — apenas isso :
Procure para amar as poetisas !

Se na França a princeza Margarida,
De Francisco Primeiro irmã formosa,
Ao poeta Alain Chartier adormecido
Deu nos labios um beijo, é que esta moça,
Apezar de princeza, era uma douda,
E a prova é que tambem rondós fazia.
Se Riccio o trovador obteve amores
— Novella até bastante duvidosa —
Dessa Maria Stuart formosissima,
É que ella — sabe-o Deus! — fez tanta asneira,
Que não admira que um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horacio.
Namorou algum dia uma parenta
Do patrono Mecenas? Parasita,
Só pedia dinheiro — no triclinio
Bebia vinho bom — e não vivia
Fazendo versos ás irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido
Um olho na batalha e ser valente,
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,
Por fazer umas trovas de vadio,
Deverião lhe dar, além de gloria,
— E essa derão-lhe á farta — algum bispado,

Alguma dessas gordas sinecuras
Que se davão a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos.
O mundo não avança por cantigas.
Creião do poviléo os trovadores
Que um poema não val meia princeza.

Um poema comtudo, bem escripto,
Bem limado e bem cheio de tetéias,
Nas horas do café lido fumando,
Ou no campo, na sombra do arvoredo,
Quando se quer dormir e não ha somno,
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe dalli do vate a mente.
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras!
Faublas tem mais leitores do que Homero...
Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canario de gaiola...
É prazer de um momento, é mero luxo.
Contente-se em traçar nas folhas brancas
De algum *Album* da moda umas quadrinhas.
Nem faça appellações para o futuro.
O homem é sempre o homem. Tem juizo.
Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem ha negal-o — não ha doce lyra
Nem sangue de poeta ou alma virgem
Que valha o talisman que no oiro vibra!
Nem musicas nem santas harmonias
Igualão o condão, esse electrismo,
A ardente vibração do som metallico...

. . . . . .

Meu Deus! e assim fizeste a creatura?
Amassaste no lodo o peito humano?
Ó poetas, silencio! é este o homem?
A feitura de Deus! a imagem delle!
O rei da creação!...

Que verme infame!
Não Deus, porém Satan no peito vacuo
Uma corda prendeu-te — o egoismo!
Oh! miseria, meu Deus! e que miseria!

III

Passou El-Rei alli com seus fidalgos.
Ião a degolar uns insolentes

Que ousárão murmurar da infamia regia,
Das nodoas de uma vida libertina!
Ião em grande gala. O Rei scismava
Na gloria de espetar no pelourinho
A cabeça de um pobre degolado.
Era um rei *bon-vivant*, e rei devoto:
E, como Luiz XI, ao lado tinha
O bobo, o capellão... e seu carrasco.

O cavallo do Rei, sentindo o morto,
Tremulo de terror parou nitrindo.
Deu d'esporas leviano o cavalleiro
E disse ao capellão:

« E não enterrão
Esse homem que apodrece, e no caminho
Assusta-me o corsel? »

Depois voltou-se
E disse ao camarista de semana:
« Conheces o defunto? Era inda moço.
Faria certamente um bom soldado.
A figura é esbelta! Forte pena!
Podia bem servir para um lacaio. »

Descoberto o faceiro fidalgote
Responde-lhe fazendo a cortezia:

« Pelas tripas do Papa! eu não me engano,
Leve-me Satanaz se este defunto
Hontem não era o trovador Tancredo! »

« Tancredo! » murmurou erguendo os oculos
Um amphibio, um barbaças truanesco,
Alma de Triboulet, que além de bobo
Era o vate da côrte — bem nutrido,
Farto de sangue, mas de veia pobre,
Cahidos beiços, volumoso abdomen,
Grisalha cabelleira esparramada,
Tremendo narigão, mas testa curta;
Em summa um glosador de sobremezas.

« Tancredo! — repetiu imaginando —
Um asno! só cantava para o povo!
Uma lingoa de fel, um insolente!
Orgulho desmedido... e quanto aos versos
Morava comó um sapo n'agoa doce...
Não sabia fazer um trocadilho... »

O rei passou — com elle a companhia.
Só ficou resupino e macilento
Da estrada em meio o trovador defunto.

IV

Ia cahindo o sol. Bem reclinado
No vagaroso coche madornando,
Depois de bem jantar fazendo a sésta,
Roncava um nedio, um barrigudo frade:
Bochechas e nariz, em cima uns oculos,
Vermelho solidéo... emfim um bispo,
E um bispo, senhor Deus! da idade média,
Em que os bispos — como hoje e mais ainda —
Sob o peso da cruz bem rubicundos,
Dormindo bem, e a regalar bebendo,
Sabião engordar na sinecura;
Papudos santarrões, depois da Missa
Lançando ao povo a benção — por dinheiro!

O cocheiro ia bebado por certo;
Os cavallos tocou p'lo bom caminho
Mesmo em cima das pernas do cadaver.
Refugou a parelha mas o sóta
— Que ao sól da gloria episcopal enchia
De orgulho e de insolencia o couro inerte,

Cuspindo o poviléo, como um fidalgo —
Que em falta de miolo tinha vinho
Na cabeça devassa, deu de esporas:
Como passára sobre a vil carniça
Reléo de corvos negros — foi por cima...
Mas desgraça! maldito aquelle morto!
Desgraça!... não porque pisasse o coche
Aquelles magros ossos, mas a roda
Na humana resistencia deu estalo...
E acorda o fradalhão...

« O que succede?
— Pergunta bocejando: — É algum bebado?
Em que bicho pisárão? »

« Senhor bispo »
Diz o servo da Igreja, o bom cocheiro
Ao vigario de Christo, ao santo Apostolo
Isto é — dessa fidalga raça nova
Que não anda de pé como S. Pedro,
Nem estafa os corseis de S. Francisco:
« Perdôe Vossa Excellencia Eminentissima;
É um pobre diabo de poeta,
Um homem sem miolo e sem barriga
Que lembrou-se de vir morrer na estrada! »

« Abrenuncio! — rouqueja o santo Bispo —

Leve o Diabo essa tribu de bohemios!
Não ha tanto lugar onde se morra?
Maldita gente! inda persegue os Santos
Depois que o Diabo a leva!... »

E foi caminho.

Leve-te Deus! Apostolo da crença,
Da esperança e da santa caridade!
Tu, sim, és religioso e nos altares
Vem cada sachristão, e cada monge
Agitar a teus pés o seu thuribulo!
E o sangue do Senhor no calix d'oiro
Da turba na oração te banha os labios...

Leve-te Deus, Apostolo da crença!
Sem padres como tu que fôra o mundo?
É por ti que o altar apoia o throno!
E teu olhar que fertilisa os valles
Fecunda a vinha santa do Messias!

Leve-te Deus... ou leve-te o Demonio!

V

Cahiu a noite, do azulado manto,
Como gotas de orvalho, sacodindo
Estrellas scintillantes. — Veio a lua
Banhando de tristeza o céo nocturno ;
Derrama aos corações melancolia,
Derrama no ar cheiroso mollemente
Cerulea chamma, dia incerto e pallido
Que ao lado da floresta ajunta as sombras
E lança pelas agoas da campina
Alvacentos clarões que as flores bebem.
A galope, de volta do noivado,
Passa o Conde Solfier, e a noiva Elfrida.
Seguem fidalgos que o saráo reclama.

ELFRIDA.

— Não vês, Solfier, alli da estrada em meio
Um defunto estendido? —

SOLFIER.

— Ó minha Elfrida,

Voltemos desse lado: outro caminho
Se dirige ao castello. É máo agouro
Por um morto passar em noites destas. —

Mas Elfrida approxima o seu cavallo.

ELFRIDA.

— Tancredo!... vêde! é o trovador Tancredo!
Coitado! assim morrer! um pobre moço!
Sem mãi e sem irmã! E não o enterrão?
Neste mundo não teve um só amigo! —

« Ninguem, senhora! — respondeu da sombra
Uma dorida voz: — Eu vim, ha pouco,
Ao saber que do povo no abandono
Jazia como um cão. Eu vim, e eu mesmo
Cavei junto do lago a cova impura. »

ELFRIDA.

— Tendes um coração. Tomai, mancebo,
Tomai essa pulseira... Em ouro e joias
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento,
E para longas missas lhe dizerem
Pelo repouso d'alma... —

O moço riu-se.

O DESCONHECIDO.

— Obrigado. Guardai as vossas joias.
Tancredo o trovador morreu de fome;
Passárão-lhe no corpo frio e morto,
Salpicárão de lodo a face delle,
Talvez cuspissem n'esta fronte santa
Cheia outr' ora de eternas phantasias,
De ideas a valer um mundo inteiro!...
Porque lançar esmolas ao cadaver?
Leva-as, fidalga — tuas joias bellas!
O orgulho do plebêo as vê sorrindo.
Missas... bem sabe Deus se neste mundo
Gemeu alma tão pura como a delle!
Foi um anjo, e murchou-se como as flores,
Morreu sorrindo como as virgens morrem!
Alma doce que os homens engeitárão,
Lyrio que profanou a turba inmunda,
Oh! não te mancharei nem a lembrança
Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo,
Ès o templo deserto, onde habitava
O Deus que em ti soffreu por um momento!
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços:
Na cova negra dormirás tranquillo...
Tu repousas ao menos! . . . . .
. . . . . .

No entanto sofreando a custo a raiva,
Mordendo os labios de soberba e furia,
Solfier da bainha arranca a espada,
Avança ao moço e brada-lhe :

« Insolente!
Cala-te, doudo! Cala-te, mendigo!
Não vês quem te fallou? Curva o joelho,
Tira o gorro, villão! »

O DESCONHECIDO.

— Tu vês : não tremo.
Tu não vales ó vento que salpica
Tua fronte de pó. Porque és fidalgo,
Não sabes que um punhal vale uma espada
Dentro do coração? —

Mas logo Elfrida :
« Acalma-te, Solfier! O triste moço
Desespera, blasphema e não me insulta.
Perdôa-me tambem, mancebo triste
Não pensei offender tamanho orgulho.
Tua magoa respeito. Só te imploro
Que sobre a fronte ao trovador desfolhes
Essas flores, as flores do noivado

De uma triste mulher... E quanto ás joias,
Lança-as no lago... Mas quem és? teu nome? »

O DESCONHECIDO.

— Quem sou? um doudo, uma alma de insensato,
Que Deus maldisse e que Satan devora;
Um corpo moribundo em que se nutre
Uma scentelha de pungente fogo,
Um raio divinal que dóe e mata,
Que doira as nuvens e amortalha a terra!...
Uma alma como o pó em que se pisa;
Um bastardo de Deus, um vagabundo
A que o genio gravou na fronte — anathema!
Desses que a turba com o dedo aponta...
Mas não; não hei de sel-o! eu juro n'alma,
Pela caveira, pelas negras cinzas
De minha mãi o juro... agora ha pouco
Junto de um morto reneguei do genio,
Quebrei a lyra á pedra de um sepulchro...
Eu era um trovador, sou um mendigo... —

Ergueu do chão a dadiva d'Elfrida;
Roçou as flores aos trementes labios;
Beijou-as. Sobre o peito de Tancredo
Pousou-as lentamente...

— Em nome delle,
Agradeço estas flores do teu seio,
Anjo que sobre um tumulo desfolhas
Tuas ultimas flores de donzella! —

Depois vibrou na lyra extranhas magoas,
Carpiu á longa noite escuras nenias,
Cantou: banhou de lagrimas o morto.

De repente parou — vibrou a lyra
Co'as mãos iradas tremulas... e as cordas
Uma per uma rebentou cantando...
Tinha fogo no craneo, e suffocava.
Passou a fria mão nas fontes humidas,
Abriu a medo os labios convulsivos,
Sorriu de desespero — e sempre rindo
Quebrou as joias e as lançou no abysmo...

VI

No outro dia, na borda do caminho
Deitado ao pé de um fosso aberto apenas

Viu-se um mancebo loiro que morria...
Semblante feminil, e formas debeis,
Mas nos pallores da espaçosa fronte
Uma sombria dôr cavára sulcos.
Corria sobre os labios alvacentos
Uma leve humidez, um ló d'escuma,
E seus dentes a raiva constringira...
Tinha os punhos cerrados... Sobre o peito
Achárão letras de uma lingoa extranha...
E un vidro sem licôr... fôra veneno!...

Ninguem o conheceu; mas conta o povo
Que, ao lançal-o no tumulo, o coveiro
Quiz roubar-lhe o gibão — despiu o moço...
E viu... talvez é falso... niveos seios...
Um corpo de mulher de fórmas puras...

VII

Na tumba dormem os mysterios d'ambos,
Da morte o negro véo não ha erguêl-o!
Romance obscuro de paixões ignotas,

Poema d'esperança e desventura,
Quando a aurora mais bella os encantava,
Talvez rompeu-se no sepulchro delles!
Não póde o bardo revelar segredos
Que levarão ao céo as ternas sombras;
Desfolha apenas nessas frontes puras
Da extrema inspiração as flores murchas...

IDÉAS INTIMAS

FRAGMENTO

La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche,
La table où je t'écris. . . . . .
. . . . . .
Mes gros souliers ferrés, mon bâton, mon chapeau,
Mes livres pêle-mêle entassés sur leur planche. . .
. . . . . .
De cet espace étroit sont tout l'ameublement.

LAMARTINE, *Jocelyn.*

I

Ossian o bardo é triste como a sombra
Que seus cantos povôa. O Lamartine
É monotono e bello como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...

Mas pranteia uma eterna monodia,
Tem na lyra do genio uma só corda,
Fibra de amor e Deus que um sopro agita :
Se desmaia de amor a Deus se volta,
Se pranteia por Deus de amor suspira.
Basta de Shakspeare. Vem tu agora,
Phantastico allemão, poeta ardente
Que illumina o clarão das gotas pallidas
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Comtudo
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando *blasé*, passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar. Vivo fumando.
Minha casa não tem menores nevoas
Que as deste céo d'inverno... Solitario
Passo as noites aqui e os dias longos;
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;
Debalde alli de um canto um beijo implora,
Como a belleza que o Sultão despreza,
Meu cachimbo allemão abandonado!
Não passeio a cavallo e não namóro;
Odeio o *lansquenet*... Palavra d'honra!
Se assim me continuão por dous mezes
Os diabos azues nos frouxos membros,
Dou na Praia Vermelha ou no Parnasso.

II

Enchí o meu salão de mil figuras.
Aqui vôa um cavallo no galope,
Um rôxo *dominó* as costas volta
A um cavalleiro de allemães bigodes,
Um preto beberrão sobre uma pipa.
Aos grossos beiços a garrafa aperta...
Ao longo das paredes se derramão
Extinctas inscripções de versos mortos,
E mortos ao nascer... Alli na alcova
Em agoas negras se levanta a ilha
Romantica, sombria á flôr das ondas
De um rio que se perde na floresta...
Um sonho de mancebo e de poeta,
El-Dorado de amor que a mente cria
Como um Eden de noites deleitosas...
Era alli que eu podia no silencio
Junto de um anjo... Além o romantismo!
Borra adiante folgaz caricatura
Com tinta de escrever e pó vermelho
A gorda face, o volumoso abdomen,

E a grossa penca do nariz purpureo
Do alegre vendilhão entre botelhas
Mettido n'um tonel... Na minha commoda
Meio encetado o copo inda verbera
As agoas d'oiro do *Cognac* fogoso.
Negreja ao pé narcotica botelha
Que da essencia de flores de laranja
Guarda o licôr que nectarisa os nervos.
Alli mistura-se o charuto Havano
Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo.
A mesa escura cambaleia ao peso
Do titaneo Digesto, e ao lado delle
Childe-Harold entre-aberto ou Lamartine
Mostra que o romantismo se descuida
E que a poesia sobrenada sempre
Ao pesadello classico do estudo.

III

Reina a desordem pela sala antiga,
Desce a têa de aranha as bambinellas
Á estante pulvurenta. A roupa, os livros

Sobre as cadeiras poucas se confundem.
Marca a folha do Faust um collarinho
E Alfredo de Musset encobre ás vezes
De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.
Como outr'ora do mundo os elementos
Pela treva jogando cambalhotas,
Meu quarto, mundo em cháos, espera um *Fiat!*

IV

Na minha sala trez retratos pendem
Alli Victor Hugo. Na larga fronte
Erguidos luzem os cabellos loiros
Como c'rôa soberba. Homem sublime,
O poeta de Deus e amores puros
Que sonhou Triboulet, Marion Delorme
E Esmeralda a Cigana... e diz a chronica
Que foi aos tribunaes parar um dia
Por amar as mulheres dos amigos
E adulteros fazer *romances vivos*.

V

Aquelle é Lamennais — o bardo santo,
Cabeça de propheta, ungido crente,
Alma de fogo na mundana argila
Que as harpas de Sion vibrou na sombra,
Pela noite do seculo chamando
A Deus e á liberdade as loucas turbas.
Por elle a George Sand morreu de amores,
E dizem que... Defronte, aquelle moço
Pallido, pensativo, a fronte erguida,
Olhar de Bonaparte em face Austriaca,
Foi do homem secular as esperanças.
No berço imperial um céo de Agosto
Nos cantos de triumpho despertou-o...
As aguias de Wagram et de Marengo
Abrião flammejando as longas azas
Impregnadas do fumo dos combates,
Na purpura dos Cesares, guardando-o
E o genio do futuro parecia
Predestinal-o á gloria. A historia delle?...
Resta um craneo nas urnas do estrangeiro...

Um loureiro sem flores nem sementes...
E um passado de lagrimas... A terra
Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.
Póde o mundo chorar sua agonia
E os louros de seu pai na fronte delle
Infecundos depôr... Estrella morta,
Só póde o menestrel sagrar-te prantos!

VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céo, cabellos soltos,
Pallida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azues pranteia orando.
É um retrato talvez. Naquelle seio
Porventura sonhei doiradas noites;
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos hombros perfumados
Esses cabellos negros, e em deliquio
Nos labios della suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquella vaga sombra na parede
— Phantasma de carvão e pó ceruleo,

Tão vaga, tão extincta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

VII

Em frente do meu leito, em negro quadro
A minha amante dorme. É uma estampa
De bella adormecida. A rosea face
Parece em visos de um amor lascivo
De fogos vagabundos acender-se...
E com a nivea mão recata o seio...
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,
Não encheste minh'alma de ventura,
Quando louco, sedento e arquejante,
Meus tristes labios imprimi ardentes
No poento vidro que te guarda o somno!

VIII

O pobre leito meu desfeito ainda
A febre aponta da nocturna insomnia.

Aqui languido a noite debati-me
Em vãos delirios anhelando um beijo...
E a donzella ideal nos roseos labios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Forão sonhos comtudo. A minha vida
Se esgota em illusões. E quando a fada
Que divinisa meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descansa
E roça a mêdo em meus ardentes labios
Um beijo que de amor me turva os olhos,
Me ateia o sangue, me enlanguece a fronte,
Um espirito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora
E das nuvens de nacar da ventura
Rólo tremendo á solidão da vida!

IX

Oh! ter vinte annos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzella!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave attracção de um roseo corpo

Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passão tantas visões sobre meu peito!
Pallor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os labios meus suspirão,
Um nome de mulher... e vejo languida
No véo suave de amorosas sombras
Semi-núa, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas palpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delirios!
Acordo palpitante... inda a procuro;
Embalde a chamo, embalde as minhas lagrimas
Banhão meus olhos, e suspiro e gemo...
Imploro uma illusão... tudo é silencio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu soffro tanto!
Nunca virás illuminar meu peito
Com um raio de luz desses teus olhos?

X

Meu pobre leito! eu amo-te comtudo!

Aqui levei sonhando noites bellas,
As longas horas olvidei libando
Ardentes gotas de licôr doirado,
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das paginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
És a pagina d'oiro. Em teu asylo
Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a phantasia! Oh! quantas vezes
Do Levante no sol entre Odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta musica ouvi que me encantava!
Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas
Mais tremulo que Faust eu não beijava,
Mais feliz que Don Juan e Lovelace
Não apertei ao peito desmaiando!

Ó meus sonhos de amor e mocidade,
Porque ser tão formosos, se devieis
Me abandonar tão cêdo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

XI

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Biblia, Shakspeare e Byron —
Na meza confundidos. Junto delles
Meu velho candieiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
Ó meu amigo, ó velador nocturno,
Tu não me abandonaste nas vigilias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros,
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas de namoro !
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas scenas de meu drama obscuro !
E n'um dia de *spleen*, vindo a pachorra,
Hei de evocar-te n'um poema heroico
Na rima de Camões e de Ariosto
Como padrão ás lampadas futuras !

. . . . . .

XII

Aqui sobre esta meza junto ao leito
Em caixa negra dous retratos guardo.
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite: neste exilio
Venero-os juntos e os prefiro unidos
— Meu pai e minha mãi. — Se acaso um dia
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguem. Sobre meu peito
Lancem-os em meu tumulo. Mais doce
Será certo o dormir da noite negra
Tendo no peito essas imagens puras.

XIII

Havia uma outra imagem que eu sonhava
No meu peito na vida e no sepulchro.
Mas ella não o quiz... rompeu a tela

Onde eu pintára meus doirados sonhos.
Se posso no viver sonhar com ella,
Essa transa beijar de seus cabellos
E essas violetas inodoras, murchas,
Nos labios frios comprimir chorando,
Não poderei na sepultura, ao menos,
Sua imagem divina ter no peito.

XIV

Parece que chorei... Sinto na face
Uma perdida lagrima rolando...
Satan leve a tristeza! Olá, meu pagem,
Derrama no meu copo as gotas ultimas
Dessa garrafa negra...

Eia! bebamos!
És o sangue do genio, o puro nectar
Que as almas de poeta divinisa,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem, fogoso *Cognac!* É só comtigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os effluvios dessas gotas aureas

Filtrão no sangue meu correndo a vida,
Vibrão-me os nervos e as arterias quemão,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cerebro passão delirosos
Assomos de poesia... D'entre a sombra
Vejo n'um leito d'oiro a imagem della
Palpitante, que dorme e que suspira,
Que seus braços me estende...

Eu me esquecia :
Faz-se noite ; traz fogo e dous charutos
E na meza do estudo accende a lampada...

BOHEMIOS

ACTO DE UMA COMEDIA NÃO ESCRIPTA

« Totus mundus agit histrioniam. »
Proverbio do tempo de SHAKSPEARE

A scena passa-se na Italia no seculo XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. N'uma esquina uma imagem de Madona em seu nicho alluminado por uma lampada.

Puff dorme no chão abraçando uma garrafa. *Nini* entra tocando guitarra. Dão 5 horas.

NINI.

Olá! que fazes, Puff? dormes na rua?

PUFF, acordando.

Não durmo... Penso.

NINI.

Estás enamorado
E deitado na pedra acaso esperas
O abrir de uma janella? Estás cioso
E co'a botelha em vez de durindana
Aguardas o rival?

PUFF.

Ceiei á farta
Na taverna do Sapo e das Trez-Cobras.
Faço o chylo; ao repouso me abandono.
Como o Papa Alexandre ou como um Turco,
Me entrego ao *far niente* e bem a gosto
Descanso na calçada imaginando.

NINI.

Embalde quiz dormir. Na minha mente
Fermenta um mundo novo que desperta.
Escuta, Puff: eu sinto no meu craneo
Como em seio de mãi um feto vivo.
Na minha insomnia vela o pensamento.
Os poetas passados e futuros
Vou todos offuscar... Aqui no cerebro
Tenho um grande poema. Hei de escrevel-o,
É certa a gloria minha!

PUFF.

A idéa é boa:
Toma dez bebedeiras — são dez cantos.
Quanto a mim tenho fé que a poesia
Dorme dentro do vinho. Os bons poetas
Para ser immortaes bebêrão muito.

NINI.

Não rias. Minha idéa é nova e bella.
A Musa me votou a eterna gloria.
Não me engano, meu Puff, emquanto sonho
Se aos poetas divinos Deus concede
Um céo mais glorioso, alli com Tasso,
Com Dante e Ariosto eu hei de vêr-me.
Se eu fizer um poema, certamente
No Pantheon da fama cem estatuas
Cantarão aos vindouros o meu genio!

PUFF.

Em estatua, meu Nini! Estás zombando!
É impossivel que saias parecido.
Que marmore daria a côr vermelha
Deste immenso nariz, destas melenas?

NINI.

Estás bebado, Puff. Tresandas vinho.

PUFF.

O vinho! és uma besta ; só um parvo
Póde a belleza desmentir do vinho.
Tu nunca leste o Cantico dos Canticos
Onde o rei Salomão, como elogio,
Dizia á noiva : — *Pulchriora sunt*
Ubera tua vino!

NINI.

És sempre um bobo.

PUFF.

E tu és sempre esse nariz vermelho
Que ainda aqui na treva desta rua
Flammeja ao pé de mim. Quando te vejo,
Penso que estou na Igreja ouvindo Missa
Dita por Cardeal.

NINI.

És um devasso

PUFF.

Respondo-te sómente o que dizia
Sir John Falstaff, da noite o cavalleiro:
« Se Adão peccou no estado de innocencia,
Que muito é que nos dias da impureza

Péque o misero Puff? » Tu bem o sabes:
Toda a fragilidade vem da carne,
E na carne se eu tanto excedo os outros,
Vicios não devem meus causar espanto.
Minha alma dorme em treva completissima
Pela minha descrença... E tu, maldito,
Porque sempre não vens esclarecer-me
Com esse teu pharol acceso sempre,
Cavalleiro da lampada vermelha,
As trevas de minh'alma?

NINI.

Que leproso!

PUFF.

Sou um homem de peso. Entendo a vida;
Tenho muito miolo, e a prova disto
É que não sou poeta nem philosopho,
E gósto de beber, como Panurgio.
Se tu fosses tonel, como pareces,
Eu te bebêra agora de um só trago.

NINI.

Quero-te bem comtudo. Amigos velhos
Deixemo-nos de historias. Meu poema...

PUFF.

Se fallas em poema, eu logo durmo.

NINI.

Uma vez era um rei...

PUFF.

Não vês? eu ronco.

NINI.

Quero a ti dedicar minha obra prima;
Irás junto comigo á eternidade.
Teu retrato porei no frontispicio.
Meu poema será uma corôa
Que as nossas frontes engrinalde juntas.

PUFF.

Pensei-te menos doudo. O teu poema
Seria uma sublime carapuça.
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Nini,
Tu precisas de um sacco.

NINI.

Impertinente!

PUFF.

Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?
Passei hontem o dia de namoro;
Minhas paixões voltei á nova esposa

Do velho Conde que alli mora em frente,
Estou adiantado nos amores.
A cozinheira, outr'ora minha amante,
Meus passos guia, meus suspiros leva.
Mas preciso com pressa de um soneto.
Promettes-me fazel-o?

NINI.

Se me ouvires
Recitar meu poema...

PUFF.

Eu me resigno.
Declama teu sermão, como um vigario.
Mas o somno ao rebanho se permitte?

(Entra um criado correndo.)

Rôa-me o diabo as tripas, se não vejo
Alli correr com pernas de cabrita
O criado do conego Tansoni.

NINI.

Onde vais, Gambioletto?

GAMBIOLETTO.

Vou á pressa
Ao doutor Fossuário.

PUFF.

Acaso agora
O carrasco fugiu?

NINI.

Quem agonisa?

GAMBIOLETTO

O Reverendo e Santo Sr. Conego,
Deitando-se a dormir depois da ceia
No collo de Madona la Zaffeta,
Umas dores sentiu pela barriga,
Cahiu estrebuxando sobre a sala...
Morre de apoplexia.

NINI.

O diabo o leve!

GAMBIOLETTO.

E o medico, Srs.!

(Sai correndo.)

PUFF.

Venturoso!
Sempre é Conego!... Nini, *dulce et decus*
Pro patria mori... É doce e glorioso

Morrer de apoplexia! Quem me déra
Morrer depois da ceia, de repente!
Não vem o confessor contar novellas,
Não soão cantos funebres em torno,
Nem se fórça o medroso moribundo
A rezar, quando só dormir quizera!
Venturosos os Conegos e os Bispos,
E os papudos Abbades dos conventos!
Elles podem morrer de apoplexia!
E se morre pensando — cousa nova! —
Quem nunca no viver cansou-se nisso;
Se elles morrem pensando, ante seus olhos,
No momento final sem ter pavores,
Inda corre a visão da bella meza!
A não morrer-se como o velho Pindaro,
Cantando, sobre o seio amorenado
De sua amante Grega, oh! quem me déra
Cahir morto no chão, beijando ainda
A botelha divina!

NINI.

Que maluco!
A estas horas da noite, assim no escuro
Não temes de lembrar-te de defuntos?
Beijarias até uma caveira,
Se espumante o Madeira all corresse!

PUFF.

Os calices doirados são mais bellos ;
Inda porém mais doce é nos beicinhos
Da bella moça que sorrindo bebe
Libar mais terno o saibo dos licores...
Eu prefiro beijar a tua amante.

NINI.

Tens medo de defuntos?

PUFF.

Um bocado.
Sinto que não nasci para coveiro.
Comtudo, no domingo, á meia noite...
Pela forca passei, vi nas alturas,
De luar sem vapor á luz formosa,
Um villão pendurado. Era tão feio!
A lingoa um palmo fóra, sobre o peito,
Os olhos espantados, boca livida,
Sobre a cabeça delle estava um corvo...
O morto estava nú, pois o carrasco
Despindo os mortos dá vestido aos filhos,
E deixa á noite o padecente á fresca.
Eu senti pelo corpo uns arrepios...
Mas depois veio o animo... trepei-me.

Pela escada da forca, fui acima,
E pintei uns bigodes no enforcado.

NINI.

Bravo como um Vampiro!

PUFF.

Oh! antes d'hontem
Passei pelos telhados sem ter medo,
Para evitar um pateo onde velava
Un cão — que enorme cão! — subindo ao quarto
Onde dorme Rosina Belvidera.

NINI.

O usaste ao Cardeal depôr na fronte
Tão pesada corôa?

PUFF.

A mitra cobre.
Dizem que a santidade lava tudo;
Depois... o Cardeal estava bebado...
A proposito, sabes dos amores
Do capitão Tybald? O tal maroto
Não sei de que milagres tem segredo.
Que deu volta á cabeça da rainha.

NINI.

Por isso o pobre Rei anda tão triste!

PUFF.

Spadaro, o fidalgote barba-ruiva,
Contou-me que espiando p'la janella
Do quarto da rainha os viu... Caluda!

NINI.

E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha
Algum páo de vassoura ou um chicote?

PUFF.

El-Rei Nosso Senhor então ceiava.

NINI.

Santo Rei!

PUFF.

E demais é bem sabido
Que El-Rei só reina á meza e nas caçadas.

NINI.

Nunca perde um veado quando atira.

PUFF.

Elle caça veados! Má fortuna!
Não o cacem tambem pela ramagem!

NINI.

Com lingoa tão comprida e viperina
Irás parar na forca.

PUFF.

Nini, escuta.
Assisti esta noite a um pagode
Na taverna do Sapo e das trez Cobras.
Era já lusco fusco, e eu entrando
Dou com Frei São José e Frei Gregorio,
O Prior do convento dos Bernardos
E mais uns dous ou trez que só conheço
De vêr pelas esquinas se encostando,
Ou dormidos na rua a somno solto...

Que soberbo painel! Faze uma idéa!
Um banquete! fartura! que presuntos!
Que tostados leitões que recendião!
N'uma enorme caldeira enormes peixes,
Recheados capões fervendo ainda,
Perús, *olhas podridas*, costelletas...
Esgotára o talento a cozinheira!
Abertos garrafões; garrafas cheias;
Vinho em copos immensos transbordando;
Na toalha, já suja, debruçados
Aquelles religiosos cachaçudos
De boca aberta e de embotados olhos.
Gastronomos! alli é que se via
Que é sciencia comer, e como um frade

Goza pelo nariz e pelos olhos,
Pelas mãos, pela boca, e faz focinho
E bate a lingoa ao paladar gostoso
Ao celeste sabor de um bom pedaço!

Depois! era bonito! Frei Gregorio
Co'a boca de gordura relurente,
Farto de vinho esquece o rheumatismo,
Esquece a erysipela já sem cura,
Canta rondós et dansa a tarantela...
Arrasta-se cahindo e se babando
Aos pés da taverneira. De joelhos
Faz-lhe a côrte cantando o *Miserere*,
Principía sermões, engróla textos,
E a gorda mão estende ao nedio seio
Da bella mocetona... a mão lhe beija,
A mão que o sceptro cinge de vassoura...
Chora, soluça e cai, estende os braços,
Ainda a chama, e canto-chão entôa...

Era de rir! os velhos amorosos,
Uns de joelhos no chão, outros cantando
Estendidos na meza entre os despojos,
Outros beijando a moça, outros dormindo.
Ella no meio deslambida e fresca
Excita-os mutuamente e os rivalisa,

Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...

Corre o Prior a sôco um Barbadinho,
Atracão-se, blasphemão, esconjurão,
Um agarra na barba do contrario,
Outro tenta apertar o papo alheio...
Abração-se na luta os dous volumes
E rolão como pipas. No oceano-
Assim duas baleias ciumentas
Atracão-se na luta... Que risadas!
Que risadas, meu Deus! arrebentando
Soltou o pobre Puff vendo a comedia!

NINI.

Ouve agora o poema...

PUFF.

Espera um pouco.
A taverna do canto não se fecha.
Está aberta. Compra uma garrafa...
Bom vinho... tu bem sabes! Tenho a guela
Fidalga como um rei. Não tenho duvida:
Mentiu a minha mãi quando contou-me
Que nasci da um prosaico matrimonio...
Eu filho de escrivão!... Para crear-me
Era — senão um Rei — preciso um Bispo!

NINI.

(Vai á taverna e volta.)

Eis aqui uma bella empada fria,
Uma garrafa e copo.

PUFF, quebrando o copo.

O Demo o leve!
Eu sou como Diogenes. Só quero
Aquillo sem o que viver não posso.
Deitado nesta lage, preguiçoso,
Olhando a lua, beijo esta garrafa,
E o mundo para mim é como um sonho.
Creio até que teu ventre desmedido
Como escura caverna vai abrir-se,
Mostrando-me no seio illuminado
Panoramas de harêm, Sultanas lindas
E longas prateleiras de bom vinho!

NINI.

Dou começo ao poema. Escuta um pouco.

I

« Havia um rei n'uma ilha solitaria,
Um rei valente, cavalleiro e bello.
O rei tinha um irmão. — Era um mancebo
Pallido, pensativo. A sua vida
Era nas serras divagar scismando,
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

II

Vagabundo uma vez junto das ondas
O Principe encontrou na areia fria
Uma branca donzella desmaiada,
Que um naufragio na praia arremessára.
Revelavão-lhe as roupas gotejantes
O bello talhe niveo, o melindroso
Das bem moldadas fórmas. — O mancebo

Nos braços a tomou, e foi com ella
Esconder-se no bosque.

Quando a bella
Suspirando acordou, o bello Principe
Aos pés della velava de joelhos.

Amarão-se. É a vida. Elles vivêrão
Desse desmaio que dá corpo aos sonhos,
Que realisa visões e aroma a vida
Na sua primavera. A lua pallida,
As sombras da floresta, e dentre a sombra
As aves amorosas que suspirão
Virão aquellas frontes namoradas,
Ouvirão suffocando-se n'um beijo.
Suspiros que o deleite evaporava.

III

O Rei tinha um truão. O caso é visto;
É muito natural. — Se reis sombrios
Gostão de bobos na doirada côrte,

Não admira de certo que um risonho
Em vez de capellão tivesse um bobo.

Loriolo — o truão do Rei — acaso
Um dia atravessando p'la floresta,
Foi dar n'uma cabana de folhagens.
Ninguem estava alli, porém n'um leito
De brandas folhas e cheirosas flores
Elle viu estendidas roupas alvas
— E roupas de mulher! — e junto um gorro,
Que pelas joias e fluctuantes plumas
E pela firma no velludo negro
Denunciava o Principe.

Loriolo,
Apezar de na côrte ser um Bobo,
Não era um zote. Foi-se remoendo.
Jurou dar com a historia dos namoros,
E para andar melhor em tal caminho,
Elle que adevinhava que as Americas
Sem protecção de rei ninguem descobre,
Madrugou muito cedo — inda era escuro —
E convidou El-Rei para o passeio.

IV

Ora, por uma triste desventura,
O rei entrando na Cabana Verde
Achou só a mulher. — Adormecida
No desalinho descuidoso e bello
Com que ellas dormem, soltos os cabellos,
A face sobre a mão, e os seios lindos
Batendo á solta na macia tela
Da roupa de dormir que os modelava...
Não digo mais...

Loriolo pôz-se á espreita.
O Rei de leve despertou a bella,
Acordou-a n'um beijõ...

V

A linda moça,
Se havia alli raivosa apunhalar-se,

Fazer espalhafato e gritaria,
Por um capricho, voluptuoso assomo,
Entregou-se ao amor do Rei...

VI

« Maldito! »
Bradou-lhe á porta um vulto macilento.
« Maldito! meu irmão, aquella moça
É minha, minha só, é minha amante
E minha esposa fôra... »

O Rei sorrindo
Lhe estende a regia mão e diz alegre:
« A culpa é tua. Eu disto não sabia;
Se do teu casamento me fallasses,
Eu respeitára tua... »

« Basta, infame!
Não accrescentes zombaria ao crime.
Hei de punir-te. É solitario o bosque;
Aqui não és um rei, porém um homem,

Um vil em cujo sangue hei de lavar-me.
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sêde! »

VII

Despiu tremendo a reluzente espada.
O mesmo fez o Rei. — Lutarão ambos.
Fœminæ sacra fames, quantum pectora
Mortalia cogis! E embalde a moça,
Ajoelhando semi-núa e pallida,
Vinha chorando, mais gentil no pranto,
Entre as espadas se lançar gemendo.
Embalde! Longo tempo encarniçada
A peleja durou... Emfim cahirão...
Rolárão ambos trespassados, frios,
E, na treva de morte que os cegava,
Inda alongando os braços convulsivos
Que avermelhava o fratricida sangue,
Procurando no sangue o inimigo!

VIII

O Bobo fez as covas. Na montanha
Enterrou os irmãos. — E quanto á moça,
Pelo braço a tomou chorosa e fria,
Foi ao paço, e na gothica varanda,
De corôa real e longo manto,
Fallou á plebe, prometteu franquezas,
Impostos levantar e dar torneios.
— Fallou aos guardas : prometteu-lhes vinho.
— Fallou á fidalguia, mas no ouvido,
E prometteu-lhe consentir nos vicios
E depressa fazer uma lei nova
Pela qual, se um fidalgo assassinasse
Algum torpe villão, ficasse impune
E nem pagasse mais a vil quantia
Que era pena do crime — e alto disse
Que havia conquistar paizes novos.

IX

A historia infelizmente é muito vista.
Não sou original! É uma desgraça!
Mas prefiro o caracter verdadeiro
De trovador chronista. —

Loriolo
Trocou de guizos o boné sonoro
— Muito leve chapéo! — pela corôa...
Só teve uma desgraça o Rei novato:
Foi que um dia fugiu-lhe do palacio
A tal moça volante nos amores.

X

Muitos annos passárão. Loriolo
Era um sublime rei. De rei a bobo
Já tantos tem cahido! Não admira

Que um Bobo sendo Rei primasse tanto.
Governava tão bem como governão
Os reis de sangue azul e raça antiga.
Demais gastava pouco, e, se não fosse
Seu amor pelas alvas formosuras,
De certo que na lista dos monarchas
Elle ficava sendo o Rei Sovina.
Emfim era um Monarcha de mão cheia.
Tinha só um defeito — vendo sangue
Tinha frio no ventre; e desmaiava
Ao luzir de uma espada... era nervoso!
Ninguem fallava nisso. — Até a giba,
A figura de anão, a pelle escura,
Aquella boca negra escancarada
(E que nem dentes amarellos tinha
P'ra ser de Adamastor), as gambias finas,
Erão typo dos quadros dos pintores.
Se pintavão Adonis ou Cupido,
Copiavão o Rei em corpo inteiro.
E o oiro das moedas, que trazia
A ventosa bocheda, os beiços grossos,
O porcino perfil e a cabelleira,
Era beijado com fervor e culto.

XI

Loriolo envelhecia entre os applausos,
Dando a mão a beijar á fidalguia.
Demais um sabichão fizera um livro
Em vinte e tantos volumões in-folio,
Obra cheia de mappas e figuras
Em que provava que por linha recta
De Hercules descendia Loriolo
E portanto de Jupiter Tonante.
E apresentou as certidões em copia
De obito e nascimento e baptisterio,
E até de casamento, para prova
De que nas veias puras do Monarcha
Não corrêra a mais leve bastardia.
É inutil dizer que os taes volumes
Nada contavão sobre o Pai, porqueiro
Como o do Santo Papa Sixto Quinto,
E sobre a mãi do Rei, a velha Mória
Que vendêra perús, Deus sabe o resto!
Nos tempos folgazões da mocidade!

XII

Um dia o reino cem navios tocão.
São piratas do Norte! são Normandos!
Infrene multidão nas praias corre,
Levando tudo a ferro... até os frades.
Matão, queimão, saquêão, furtão moças,
E a infrene turba corre até aos paços.

XIII

Emquanto vem a campo a fidalguia.
Armada *pied en cap*, espada em punho,
Loriolo sem falla, nos apertos
Nas adegas se esconde.

Embalde o chamão,
Embalde corre voz que dos Normandos
Emissario de paz o Rei procura.

El-Rei suou de susto a roupa inteira.
Nem era de admirar, que a reis e povo,
Como ao bicho de seda a trovoada,
Camisas de onze varas apavorão
E fazem frio apparições de forca.

XIV

Um soldado Normando que buscava
Nas adegas reaes alguma pinga,
Mette a verruma n'uma velha pipa.
Um grito sai dalli, mas não licores.
O soldado feroz destampa o nicho;
Agarra um vulto dentro, mas sómente
Sente nas mãos vasia cabelleira...
Desembainha a torva durindana.
Nas cavernas da pipa, e nas cavernas
Do coração do Rei rebôa o golpe.
Estala-se o tonel de meio a meio.
Entretanto o bom Rei que não fallava,
Sujo da lia da ruinosa pipa,
Mais morto do que vivo (já pensando
Que seu reino acabava n'um espeto

Como o reino do gallo), ás cambalhotas
Rola aos pés do soldado, chora e treme,
Gagueja de pavor nos calafrios
E pelo amor de Deus perdão implora.

XV

O soldado, maroto e bom gaiato,
Agarra ás costas o real trambolho,
Como um villão que á feira leva um porco,
E no meio do pateo, entre os despojos,
De pernas para o ar e cara suja
Atira o bobo...

— El-Rei! clama um fidalgo.

XVI

Porém o Rei não falla... Súa e treme.

« Singofredo o pirata aqui me envia.

(Diz ao Rei o pacifico Mercurio,
O Arauto de paz que vem de bordo :) —
Eu venho aqui propôr-vos um tratado.
Por direito de espada e por herança
Singofredo é senhor destes paizes.
Elle vem reclamar sua corôa.
Se o Rei não se oppuzer, não corre sangue;
Senão hão de fazel-o em sarrabulho,
Puchado p'lo nariz o encher de lodo
E espetar-lhe a careta sobre um mastro.
Singofredo o feroz exige apenas
Que o Rei deixando o sceptro deste reino
Seja sempre na côrte Rei da Lua.
Loriolo virá ao seu caminho
Trajando seu gibão amarellado
Com remendos de côr, e campainhas,
Meias rôxas e gorro afunilado. »

XVII

Loriolo suspira. O povo espera.
Pela face do Bobo corre a furto

Uma lagrima tremula. — É desgraça
Tendo subido a Rei voltar...

Nem ousa
O nome proferir de sua infamia.

De repente uma idéa o illumina...
Deu uma das antigas gargalhadas,
Inda em trajes de rei graceja e pula.

Foi uma dansa comica, phantastica,
Um riso que doia — tão gelado
Coava o coração!... Estava doudo...
Dansou a gargalhar... cahiu exhausto,
Cahiu sem movimento sobre o lodo...
Escutárão-lhe o peito. Estava morto.

Ora o pirata, o invasor Normando,
Era filho da nossa conhecida,
Que, posto não podesse com acerto
Dizer quem era o pai de seu bohemio,
Affirmava comtudo affoutamente
Que, em todo o caso, tinha jus ao throno.

Reina pela cidade a bebedeira,

E bebendo á saúde do bastardo
O bobo que foi rei ninguem sepulta... »

Bem vês, amigo Puff, que neste conto
Em poucos versos digo historias longas :
— Amores, mortes, e no throno um bobo
E sobre o lodo um rei que não se enterra. —
Muito embora a mulher as roupas fação,
Eu provo que o burel não faz o monge,
E um bobo é sempre um bobo. Mostro ainda
De meu estro no vario cosmorama
Um rei que n'uma pipa o throno perde,
E um bastardo que o pai dizer não póde
E em nome de dous pais, ambos em duvida,
Vem na sangueira reclamar seu nome.

Um outro só com isso déra a lume
Um poema em dez cantos. Sou conciso;
Não ouso tanto : dou sómente idéas,
Esboço aqui apenas meu enredo.

Mas... Puff! olá, meu Puff! Estás dormindo,

Prosaico beberrão! Acorda um pouco!
Bebeu todo o meu vinho — a empada foi-se...
Não resta-me esperança! Este demonio
De um poeta como eu nem vale um murro!

UM HOMEM DA PLATÉA, interrompendo.

Silencio! fóra a peça! que massada!
Até o ponto dorme a somno solto!

Levanta-se o panno até o meio. — Passa por debaixo e vem até á rampa o

PROLOGO,

velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça phrygia coroada de louros. Tem um ramo de oliveira na mão. Faz as cortezias do estylo e falla :

Dom Quichotte! sublime creatura!
Tu sim foste leal e cavalleiro,
O ultimo heróe, o paladim extremo
De Castella e do mundo. Se teu cerebro
Toldou-se na loucura, a tua insania
Vale mais do que o siso destes seculos

Em que a Infamia, Dagon cheio de lodo,
Recebe as orações, myrrhas e flores,
E a louca multidão renega o Christo!
Tua loucura revelava brio.
No triste livro do immortal Cervantes
Não posso crêr um insolente escarneo
Do Cavalleiro andante aos nobres sonhos,
Ao fidalgo da Mancha — cuja nodoa
Foi só ter crido em Deus e amado os homens,
E votado seu braço aos opprimidos.
Aquellas folhas não me causão riso,
Mas desgosto profundo e tedio á vida.
Soldado e trovador, era impossivel
Que Cervantes manchasse um valeroso
Em vil caricatura, e désse á turba,
Como preza de escarneo e de vergonha,
Esse homem que á virtude, amor e cantos
Abria o coração!...

Estas idéas
Servem para desculpa do poeta.
Apezar de bom moço o autor da peça
Tem uns laivos talvez de Dom Quichotte.
E nestes tempos de verdade e prosa
— Sem Gigantes, sem Magicos medonhos
Que velavão nas torres encantadas

As donzellas dormidas por cem annos —
Do seu imaginar esgrime as sombras
E dá botes de lança nos moinhos.

Mas não escreve satyras : — apenas
Na idade das visões — dá corpo aos sonhos.
Faz trovas, e não talha carapuças.
Nem rebuça no véo do mundo antigo,
P'ra realce maior, presentes vicios.
Não segue a Juvenal, e não embebe
Em venenoso fel a penna escura
Para nodoas pintar no manto alheio.

O tempo em que se passa agora a scena
É o seculo dos Borgias. O Ariosto
Depôz na fronte a Raphael gelado
Sua c'rôa divina, e o segue ao tumulo.
Ticiano inda vive. O rei da turba
É um genio maldito — o Aretino
Que vende a alma e prostitúe as crenças.
Aretino! essa incrivel creatura,
Poeta sem pudor, onda de lodo
Em que do genio profanou-se a perola...
Vaso d'oiro que um oxydo sem cura
Azinhavrou de morte... homem terrivel
Que tudo profanou co'as mãos immundas,

Que latiu como um cão mordendo um seculo.
E, como diz um epitaphio antigo,
Só em Deus não mordeu, porque o não vira.
Como elle, foi devasso todo o seculo.
Os contos de Boccacio e de Brantome
São mais puros que a historia desses tempos.
Tasso enlouquece. O Rei *que se diverte*
— O heróe de Marignan e de Pavia
Que n'um vidro escrevêra do palacio
« *Femme souvent varie*, » mas leviano
Com mais amantes que um Sultão vivia,
Mandava ao Aretino amaveis letras.
Um collar d'oiro com sangrentas lingoas,
E dava-lhe pensões. O Vaticano
Viu o Papa beijando aquella fronte,
Carlos V o nomeia cavalleiro,
Abraça-o e — inda mais — lhe manda escudos.
O Duque João Medicis o adora,
Dorme com elle a par no mesmo leito.
É um tempo de agonias. A arte pallida,
Suarenta, moribunda, desespera
E aguarda o funeral de Miguel Angelo
Para com elle abandonar o mundo
E angelica voltar ao céo dos Anjos.

Agora basta. Revelei minh'alma.

A scena descrevi onde corrêra
Inteira uma comedia em vez de um acto,
Se o poeta, mais forte, se atrevesse
A erguer nos versos a medonha sombra
Da loucura fatal do mundo inteiro.

Boas noites, platéa e camarotes;
O ponto já me diz que deixe o campo.
O primeiro galan todo empoado,
Cheio de vermelhão, já dentro falla:
Estão cheios de luz os bastidores.

Uma ultima palavra: o autor da peça,
Puxando-me da tunica romana,
Diz-me da scena que eu avise ás Damas
Que desta feita os saes não são precisos;
Não ha de sarrabulho haver no palco.
É uma peça classica. O perigo
Que póde ter logar é vir o somno;
Mas dormir é tão bom, que certamente
Ninguem por esse dom fará barulho.

O assumpto da Comedia e do Poema
Era digno sem duvida, Senhores,
De uma penna melhor; mas desta feita
Não falla Shakspeare nem Gil Vicente.

O poeta é novato, mas promette.
Posto que seja um homem barrigudo
E tenha por Thalia o seu cachimbo
Merece applausos e merece gloria.

SPLEEN E CHARUTOS

I

SOLIDÃO

Nas nuvens côr de cinza do horizonte
A lua amarellada a face embuça ;
Parece que tem frio, e no seu leito
Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se, vem da noite a vagabunda
Sem chale, sem camisa e sem mantilha,

Vem núa e bella procurar amantes;
É douda por amor da noite a filha.

As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezão adormecendo no oratorio;
Todos tem o capuz e bons narizes,
E parecem sonhar o refeitorio.

As arvores prateião-se na praia,
Qual de uma fada os magicos retiros...
Ó lua, as doces brizas que susurrão
Coão dos labios teus como suspiros!

Fallando ao coração que nota aerea
Deste céo, destas agoas se desata?
Canta assim algum genio adormecido
Das ondas mortas no lençol de prata?

Minha alma tenebrosa se entristece,
É muda como sala mortuaria...
Deito-me só e triste, e sem ter fome
Vejo na meza a ceia solitaria.

Ó lua, ó lua bella dos amores
Se tu és moça e tens um peito amigo,

Não me deixes assim dormir solteiro,
A meia noite vem ceiar comigo!

II

MEU ANJO

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontanea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pello sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janella a vejo
E de seus labios o gemido escuto.
É leve a creatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angelica
Um anjo lhe depoz corôa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bella no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho hespanhol, um beijo della
Entorna ao sangue a luz do paraiso.
Dá morte n'um desdem, n'um beijo vida,
E celestes desmaios n'um sorriso!

Mas quiz a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto,
E que ella fosse leviana e bella
Como a leve fumaça de um charuto!

III

VAGABUNDO

Eat, drink and love; what can the rest avail us?
BYRON. *Dom Juan.*

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrellas;
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando rôto, sem bolsos nem dinheiro ;
Mas tenho na viola uma riqueza ;
Cantó á lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante,
Quando á noite na treva em mim se entornão
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores ;
Sou garboso e rapaz... Uma riada
Abrasada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora.
Ella ao vêr-me sorri tão docemente !
Desconfio que a moça me namora !...

Tenho por meu palacio as longas ruas ;
Passeio a gosto e durmo sem temores :
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degráo das igrejas é meu throno,

Minha patria é o vento que respiro,
Minha mãi é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céo e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo á Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por ahi alguma bella
Bem doirada e amante da preguiça
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha de achar-me na Sé, domingo, á Missa.

IV

A LAGARTIXA

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha :
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o somno,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu nectar de amor jámais se esgota,
Travesseiro não ha como teu peito.

Posso agora viver : para corôas
Não preciso no prado colher flores ;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harem a minha bella,
Em fazer-me ditoso ella capricha ;

Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

V

LUAR DE VERÃO

O que vês, trovador ? — Eu vejo a lua
Que sem lavor a face alli passeia ;
No azul do firmamento inda é mais pallida
Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês, trovador? — No esguio tronco
Vejo erguer-se o chinó de uma nogueira...
Além se entorna a luz sobre um rochedo
Tão liso como um páo de cabelleira.

Nas praias lisas a maré enchente
S'espraia scintillante d'ardentia...
Em vez de aromas as doiradas ondas
Respirão effluviosa maresia !

O que vês, trovador? — No céo formoso
Ao sopro dos favonios feiticeiros
Eu vejo — e tremo de paixão ao vel-as —
As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,
Como viuva moça envolta em luto,
Brilhando em nuvem negra estrella viva
Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso, e só de vêr-te
Eu sinto os labios meus se abrir de somno.

VI

O POETA MORIBUNDO

Poetas! amanhã ao meu cadaver
Minha tripa cortai mais sonorosa!...

Fação della uma corda, e cantem nella
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verão que me alentava...
O aroma dos curraes, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravão,
E os sapos que cantavão no caminho!

Coração, porque tremes? Se esta lyra
Nas minhas mãos sem força desafina,
Emquanto ao cemiterio não te levão,
Casa no marimbáo a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cysne de outr'ora.... que gemendo
Entre os hymnos de amor se enternecia.

Coração, porque tremes? Vejo a morte,
Alli vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ella?...
Se ella ao menos dormisse mascarada!

Que ruinas! que amor petrificado!
Tão ante-diluviano e gigantesco!

Ora, fação idéa que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ella,
Que dessa furia o gozo, amor eterno...
Se alli não ha tambem amor de velha,
Dêm-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavissimas bellezas,
Cleopatras, Helenas, Eleonoras;
Lá se namora em boa companhia,
Não póde haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Forão com Satanaz fazer colonia,
Antes lá que do Céo soffrer os tolos! —

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil annos ajudar a Missa!

É ELLA! É ELLA!

É ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe murmurou — é ella!
Eu a vi — minha fada aerea e pura —
A minha lavadeira na janella!

Dessas agoas furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavão nos meus passos

Ir espiar seu venturoso somno,
Vêl-a mais bella de Morphêo nos braços!

Como dormia! que profundo somno!...
Tinha no mão o ferro do engommado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quasi cahí na rua desmaiado!

Afastei a janella, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijal-a... roubei do seio della
Um bilhete que estava alli mettido...

Oh! de certo... (pensei) é doce pagina
Onde a alma derramou gentis amores;
São versos della... que ámanhã de certo
Ella me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse comtigo neste seio!
Como Othello beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ella! é ella! — repeti tremendo,
Mas cantou nesse instante uma coruja...

Abri cioso a pagina secreta...
Oh ! meu Deus! era um rol de roupa suja !

Mas se Werther morreu por vêr Carlota
Dando pão com manteiga ás criancinhas,
Se achou-a assim mais bella, — eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ella! é ella! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céo revela...
É ella! é ella ! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe suspirou — é ella!

TERCEIRA PARTE

MEU DESEJO

Meu desejo? era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãosinha aperta:
A camelia que murcha no teu seio
O anjo que por te ver do céo deserta...

Meu desejo? era ser o sapatinho
Que teu mimoso pé no baile encerra...
A esperança que sonhas no futuro,
As saudades que tens aqui na terra...

Meu desejo? era ser o cortinado
Que não conta os mysterios de teu leito;
Era de teu collar de negra seda
Ser a cruz com que dormes sobre o peito.

Meu desejo? era ser o teu espelho
Que mais bella te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flôres
E mira-te amoroso as nuas graças!

Meu desejo? era ser d'esse teu leito
De cambraia o lençol, o travesseiro
Com que velas o seio, onde repousas,
Solto o cabello, o rosto feiticeiro....

Meu desejo? era ser a vóz da terra
Que da estrella do céo ouvisse amôr!
Ser o amante que sonhas, que desejas
Nas scismas encantadas de languor!

SONETO

Um mancebo no jogo se descóra,
Outro bebado passa noite e dia,
Um tolo pela valsa viveria,
Um passeia a cavalho, outro namora.

Um outro que uma sina má devora
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia...
Quantos moços perdidos vejo agora!

Oh! não prohibão pois ao meu retiro

Do pensamento ao merencorio luto
A fumaça gentil por que suspiro.

N'uma fumaça o canto d'alma escuto...
Um aroma balsamico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

SONETO

Ao sol do meio dia eu vi dormindo
Na calçada da rua um marinheiro,
Roncava a todo o panno o tal bregeiro
Do vinho nos vapores se expandindo!

Além um Hespanhol eu vi sorrindo
Saboreando um cigarro feiticeiro,
Enchia de fumaça o quarto inteiro.
Parecia de gosto se esvaindo!

Mais longe estava um pobretão caréca

De uma esquina lodosa no retiro
Enlevado tocando uma rabeca!

Venturosa indolencia! não deliro
Se morro de preguiça... o mais é séca!
D'esta vida o que mais vale um suspiro?

POR QUE MENTIAS?

•

Por que mentias leviana e bella?
Si minha face pallida sentias
Queimada pela febre, e se minha vida
Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da illusão, a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro...
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei! sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!

Sabe esse pobre coração que treme
Que a esperança perdeu por que mentias!

Vê minha pallidez — a febre lenta
Esse fogo das palpebras sombrias...
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

Toda aquella mulher tem a pureza
Que exhala o jasmineiro no perfume,
Lampeja seu olhar nos olhos negros
Como em noite d'escuro um vagalume...

Que suave moreno o de seu rosto!
A alma parece que seu corpo inflamma.
Illude até que sobre os labios d'ella
Na côr vermelha tem errante chamma. .

E quem dirá, meu Deus! que a lyra d'alma

Ali não tem um som — nem de falsete!
E sob a imagem de apparente fogo
É frio o coração como um sorvete!

AMOR

Quand la mort est si belle,
Il est doux de mourir!
V. Hugo.

Amemos! quero de amor
Viver no teu coração!
Soffrer e amar essa dôr
Que desmaia de paixão!
Na tua alma, em teus encantos
E na tua pallidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus labios beber
Os teus amores do céo,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teo!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa transa
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzella,
Minha alma, meu coração!
Que noite, que noite bella!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao molle frescor
Quero viver um momento,
Morrer comtigo de amor!

PHANTASIA

Quanti dolei pensier! quanto disio.

DANTE.

C'est alors que ma voix
Murmure un nom tout bas... c'est alors que je vois
M'apparaître à demi, jeune, voluptueuse,
Sur ma couche penchée une femme amoureuse!
. . . . . .
Oh! toi que j'ai rêvée,
Femme à mes longs baisers si souvent enlevée,
Ne viendras-tu jamais? . . . . . .

CH. DOVALLE.

A noite sonhe comtigo,
E o sonho cruel maldigo
Que me deu tanta ventura.
Uma estrellinha que vaga
Em céo de inverno e se apaga
Faz a noite mais escura!

Eu sonhava que sentia
Tua voz que estremecia
Nos meus beijos se afogar!
Que teu rosto descorava,
E teu seio palpitava,
E eu te via a desmaiar!

Que eu te beijava tremendo,
Que teu rosto enfebrecendo
Desmaiava a pallidez!
Tanto amor tua alma enchia
E tanto fogo morria
Dos olhos na languidez!

E depois... dos meus abraços,
Tu cahiste abrindo os braços
Gelida — dos labios meus...
Tu parecias dormir
Mas debalde eu quiz ouvir
O alento dos seios teus...

E uma voz, uma harmonia
No teu labio que dormia
Desconhecida acordou;
Fallava em tanta ventura,

Tantas notas de ternura
No meu peito derramou !

O soído harmonioso
Fallava em noites de goso
Como nunca eu as senti,
Tinha musicas suaves
Como no canto das aves
De manhã eu nunca ouvi !

Parecia que no peito
N'esse quebranto desfeito
Se esvaía o coração.
Que meu olhar se apagava,
Que minhas veias paravão,
E eu morria de paixão...

E depois... n'um sanctuario
Junto do altar solitario
Perto de ti me senti,
Dormias junto de mim...
E um anjo dice assim:
« Pobres amantes, dormí !...

Tu eras inda mais bella —
O teu leito de donzella

Era coberto de flores...
Tua fronte empallecida,
Frouxa a palpebra descida,
Meu Deus! que frio pallor!...

Dei-te um beijo — despertaste.
Teus cabellos afastaste
Fitando os olhos em mim...
Que doce olhar de ternura!
Eu só queria a ventura
De um olhar suave assim!

Eu dei-te um beijo, sorrindo
Tremeste os labios abrindo,
Repousaste ao peito meu...
E senti nuvens cheirosas,
Ouvi lyras suspirarem,
Rompeu-se a nevoa... era o céo!...

Cahia chuva de flores
E luminosos vapores
Davão azulada luz...
E eu acordei... que delirio!
Eu sonho findo o martyrio
E acordo pregado á cruz!

LAGRIMAS DA VIDA

On pouvait à vingt ans le clouer dans la bière
— Cadavre sans illusions....

THÉOPH. GAUTIER.

Je me suis assis en blasphémant sur le bord du chemin. Et je me suis dit : je n'irai pas plus loin. Mais je suis bien jeune encore pour mourir, n'est-ce pas, Jane ?

GEORGE SAND, *Aldo.*

Si tu souberas que lembrança amarga,
Que pensamento desflorou meus dias,
Oh! tu não creras meu sorrir leviano
Nem minhas insensatas alegrias !

Quando junto de ti eu sinto ás vezes
Em doce enleio desvairar-me o siso,

Nos meus olhos incertos sinto lagrimas....
Mas da lagrima em troco eu temo um riso!

O meu peito era um templo — ergui nas aras
Tua imagem que a sombra perfumava....
Mas ah! emmurcheceste as minhas flores,
Apagaste a illusão que aviventava!

E por te amar, por teu desdem — perdi-me....
Tresnoitei-me nas orgias macilento,
Brindei blasphemo ao vicio e da minh'alma
Tentei-me suicidar no esquecimento!

Como um corsel abate-se na sombra
A minha crença agonisa e desespera....
O peito e lyra se estallárão juntos,
E morro sem ter tido primavera!

Como o perfume de uma flor aberta
Da manhã entre as nuvens se mistura,
A minh'alma podia em teus amores
Como um anjo de Deus sonhar ventura!

Não peço o teu amor.... eu quero apenas
A flor que beijas para a ter no seio,

E teus cabellos respirar medroso
E a teus joelhos suspirar d'enleio!

E quando eu durmo, e o coração ainda
Procura na illusão tua lembrança,
Anjo da vida passa nos meus sonhos
E meus labios orvalha de esperança!

SONETO

Os quinze annos de uma alma transparente,
O cabello castanho, a face pura,
Uns olhos onde pinta-se a candura
De um coração que dorme, inda innocente.

Um seio que estremece de repente
Do mimoso vestido na brancura,
A linda mão na magica cintura,
E úma vóz que inebria docemente.

Um sorrir tão angelico! tão santo!

E nos olhos azues cheios de vida
Languido véo de involuntario pranto!

É esse o talisman, é essa a Armida,
O condão de meus ultimos encantos,
A visão de minha alma distrahida!

LEMBRANÇA DOS QUINZE ANNOS

Et pourtant sans plaisir je dépense la vie;
Et souvent quand, pour moi, les heures de la nuit
S'écoulent sans sommeil, sans songes et sans bruit,
Il passe dans mon cœur de brillantes pensées,
D'invincibles désirs, de fougues insensées!

CH. DOVALLE.

..... Heureux qui, dès les premiers ans,
A senti de son sang, dans ses veines stagnantes,
Couler d'un pas égal les ondes languissantes;
Dont les désirs jamais n'ont troublé la raison;
Pour qui les yeux n'ont point de suave poison.

ANDRÉ CHÉNIER.

Nos meus quinze annos eu soffria tanto!
Agora emfim meu padecer descança;
Minha alma emmudeceu — na noite d'ella
Adormeceu a pallida esperança!

Ja não sinto ambições, e se esvairão
As vagas formas, a visão confusa

De meus dias de amor — nem doces voltão
Os sons aerios da divina Musa!

Por ventura é melhor as brandas fibras
Embotadas sentir n'essa dormencia...
E viver esta vida... e na modorra
Repousar-se na sombra da existencia!

E que noites de soffrego desejo!
Que pressentir de uma volupia ardente!
Que noites de esperança e desespero!
E que fogo no sangue incandescente!

Minha alma juvenil era uma lyra,
Que ao menor bafejar estremecia...
A triste decepção rompeu-lhe as cordas...
Só vibra n'um preludio d'agonia!

Quanto, quanto sonhei! como velava
Cheio de febre, ancioso de ternuras!
Como era virgem o meu labio ardente!
A alma tão santa — as emoções tão puras!

Como o peito sedento palpitava
Ao roçar de um vestido, á voz divina

De uma pallida virgem! — ao murmurio
De uns passos de mulher pela campina!

E como t'esperei, anjo dos sonhos,
Ideal de mulher que me sorrias,
E me beijando n'esta fronte pallida
A um mundo bello de illusões me erguias!

O meu peito era um echo de murmurios...
De delirio vivi como os insanos!
Nos meus quinze annos eu soffria tanto!
Ardi ao fogo dos primeiros annos!

Agora vivo no deserto d'alma.
Um mundo de saudade ahi dormita.
Não o quero acordar... oh! não resurjão
Aquellas sombras na minh'alma afflicta!

Mas por que volves os teus olhos negros
Tão langues sobre mim? Ilná, suspiras?
Por que derramas tanto amor nos olhos?
Eu não posso te amar e tu deliras.

Tambem a aurora tem neblina e sombras,
E ha vozes que emmudece a desventura,

Ha flores em botão que se desfolhão,
E a alma tambem morre prematura.

Repousa no meu peito o meu passado,
Minh'alma adormeceu por um momento...
Sou a flor sem perfume em sol d'inverno...
Uma lousa que encerra?... o esquecimento!...

Não me falles de amor... um teu suspiro
Tantos sonhos no peito me desperta!...
Sinto-me reviver, e como outr'ora
Beijo tremendo uma visão incerta...

Ah! quando as bellas esperanças murchão
E o genio dorme, e a vida desencanta,
D'almas estereis a ironia amarga
E a morte sobre os sonhos se levanta,

Embora fundo o somno do descrido
E o silencio do peito e seu retiro,
Inda pode inflammar muitos amores
O sussurro de um languido suspiro!

MEU SONHO

EU

Cavalleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brilhão teus olhos ardentes
E gemidos nos labios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavalleiro, quem és? o remorso?
Do corsel te debruças no dorso...

E galopas do valle a travez...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te nos pés o phantasma?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavalleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavalleiro, quem és? — que mysterio,
Quem te força da morte no imperio
Pela noite assombrada a vagar?

O PHANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descança,
O delirio que te ha-de matar!...

O CONEGO FILIPPE

O conego Filippe! Ó nome eterno!
Cinzas illustres que da terra escura
Faseis rir nos cyprestes as corujas!
Por que tão pobre lyra o céo doou-me
Que não consinta meu inglorio genio
Em vasto e heroico poema decantar-te?

Voltemos ao assumpto. A minha musa
Como um fallado Imperador Romano
Distrahe-se ás vezes apanhando moscas.
Por estradas mais longas ando sempre.

Com o conego illustre me pareço,
Quando elle ja sentia vir o somno,
Para poupar caminho até a vela,
Sobre a vela atirava a carapuça.
Então no escuro, em camisola branca
Já apalpando procurar na sala —
Para o queijo flamengo da queréca
Dos defluxos guardar — o negro sacco.

Á ordem, Musa! Canta agora como
O poeta Ali-Moon no harem entrando,
Como um poeta que enamora a lua,
Ou que beija uma estatua de alabastro,
Suando de calor... de sol e amores...
Cantava no alaúde enamorado,
E como elle sahiu-se do namoro.
Assumpto bem moral, digno de premio,
E interessante como um catecismo;
Que tem ares até de ladainha!

Quem não sonhou a terra do Levante?
As noites do Oriente, o mar, as brisas,
Toda aquella suave naturesa
Que amorosa suspira e encanta os olhos?

Principio no harem. Não é tão novo.

Mas esta vida é sempre deleitosa.
As almas d'homem ao harem se voltão —
Ser um dia sultão quem não deseja?

Quem não quisera das sombrias folhas
Nas horas do calor, junto do lago
As odaliscas espreitar no banho
E mais bella a sultana entre as formosas?

Mas ah! o plagio nem perdão merece!
Digão — pega ladrão! — Confesso o crime,
Não é Ovidio só que imito e sonho,
Quando pinta Acteon fitando os olhos
Nas formas nuas de Diana virgem!
Não! embora eu aqui não falle em nymphas,
Essa idéa é do conego Filippe!

TRINDADE

A *vida* é uma planta mysteriosa
Cheia d'espinhos, negra de amarguras,
Onde só abrem duas flores puras
Poesia e amor...

E a *mulher*... é a nota suspirosa
Que treme d'alma a corda estremecida,
— É fada que nos leva alem da vida
Pallidos de languor !

A *poesia* é a luz da mocidade —
O amor é o poema dos sentidos,

A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Voltai, sonhos de amor e de saudade!
Quero ainda sentir arder-me o sangue,
Os olhos turvos, o meu peito langue
E morrer de ternura!

SONETO

Já da morte o pallor me cobre o rosto
Nos labios meus o alento desfallece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o somno reter!... já esmorece
O corpo exhausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a magoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,

Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem ja não vive!

MINHA AMANTE

Coração de mulher qual Philomela
É todo amor e canto ao pé da noite.
JOÃO DE LEMOS.

Fulcite me floribus... quia amore langueo.
Cant. Canticorum.

Ah! volta inda uma vez! foi só comtigo
Que á noite, de ventura eu desmaiava,
E só nos labios teus eu me embebia
De volupias divinas!

Volta, minha ventura! eu tenho sêde
D'esses beijos ardentes que os suspiros

Offegando interrompem! Quantas noites
Fui ditoso comtigo!

E quantas vezes te emballei tremendo
Sobre os joelhos meus! Quanto amorosa
Unindo á minha tua face pallida
De amor e febre ardias!

Oh! volta ainda uma vez! ergue-se a lua
Formosa como d'antes, é bem noite,
Na minha solidão brilha de novo,
Estrella de minh'alma!

Desmaio-me de amor, descóro e tremo,
Morno suor me banha o peito langue,
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os labios sedentos!

Oh! quem pudera sempre em teus amores
Sobre teu seio perfumar seus dias,
Beijar a tua fronte, e em teus cabellos
Respirar ebrioso!

És a corôa de meus breves annos,
És a corda de amor de intima lyra,

O canto ignoto, que me enleva em sonhos
De saudosas ternuras!

E tu és como a lua: inda és mais bella
Quando a sombra nos valles se derrama,
Astro mysterioso á meia noite
Te revella a minh'alma.

Oh! minha lyra, ó viração nocturna,
Flores, sombras do valle, á minha amante
Dizei-lhe que esta noite de desejo
E de ternuras morro!

EUTHANASIA

Ergue-te d'ahi, velho, — ergue essa fronte onde o passado afundou suas rugas como o vendaval no Oceano, onde a morte assombrou sua pallidez como na face do cadaver — onde o semun do tempo resicou os anneis louros do mancebo nas cãs alvacentas de ancião?

Por que tão livido, ó monge taciturno, debruças a cabeça macilenta no peito que é murcho, onde mal bate o coração sobre a cogula negra do asceta?

Escuta: A lúa ergueu-se hoje mais prateada nos céos côr-de-rosa do verão — as montanhas se azulão no crepuscular da tarde — e o mar scintilla seu manto azul palhetado de aljofares. A hora da tarde é bella — quem ahi na vida lhe não sagrou uma lagrima de saudade?

Tens os olhares turvos, luzem-te baços os olhos negros nas palpebras rôxas, e o beijo frio da doença te azulou nos labios a tinta de moribundo. — E por que te abysmas em phantasias profundas sentado á borda de um fosso aberto, sentado na pedra de um tumulo?

Por que pensal-a — a noite dos mortos, fria e trevosa como os ventos de inverno! Por que antes não banhas tua fronte nas viraçãões da infancia, nos sonhos de moço? Sôb essa estamenha não arfa um coração que palpitára outr'ora por uns olhos gázeos de mulher?

Sonha — sonha antes no passado — no passado bello e doirado em seu docel de escarlate, em seus mares azues, em suas luas limpidas, e suas estrellas romanticas.

O velho ergueu a cabeça. Era uma fronte larga e calva, umas faces contrahidas e amarellentas, uns labios seccos, gretados, em que sobreaguava amargo sorriso, uns olhares onde a febre tresnoitava suas insomnias...

E quem t'o dice — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra humida, a podridão e o lodo? Quem t'o dice — que a morte não era mais bella que as flores sem cheiro de infancia, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescencia? Quem t'o dice — que a vida não é uma mentira — que a morte não é o leito das tremulas venturas?

. . . . . .

DESPEDIDAS

Se entrares, ó meu anjo, alguma vez
Na solidão onde eu sonhava em ti,
Ah! vota uma saudade aos bellos dias
Que a teus joelhos pallido vivi!

Adeus, minh'alma, adeus! eu vou chorando...
Sinto o peito doer na despedida...
Sem ti o mundo é um deserto escuro
E tu és minha vida...

Só por teus olhos eu viver podia
E por teu coração amar e crer

Em teus braços minha alma unir á tua
E em teu seio morrer!

Mas se o fado me afasta da ventura,
Levo no coração tua imagem...
De noite mandarei-te os meus suspiros
No murmurio da aragem!

Quando a noite vier saudoza e pura,
Contempla a estrella do pastor nos céos,
Quando a ella eu volver o olhar em pranto:
Verei os olhos teos!

Mas antes de partir, antes que a vida
Se afogue n'uma lagrima de dor,
Consente que em teus labios n'um só beijo
Eu suspire de amor!

Sonhei muito! sonhei noites ardentes
Tua boca beijar eu o primeiro
A ventura negou-me... até mesmo
O beijo derradeiro!

Só comtigo eu podia ser ditoso
Em teus olhos sentir os labios meus!
Eu morro de ciume e de saudade;
Adeus, meu anjo, adeus!

TERZA RIMA

É bello de entre a cinza ver ardendo
Nas mãos do fumador um bom cigarro,
Sentir o fumo em nevoas recendendo,

Do cachimbo allemão no louro barro
Ver a chamma vermelha estremecendo
E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porém o que ha mais doce n'esta vida,
O que das magoas desvanece o luto
E dá som a uma alma empobrecida,
Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

PANTHEISMO

MEDITAÇÃO

O dia descobre a terra : a noite descortina os céos.
MARQUEZ DE MARICA.

Eu creio, amigo, que a existencia inteira
É um mysterio talvez ; — mas n'alma sinto
De noite e dia respirando flores,
Sentindo as brisas, recordando aromas
E esses ais que ao silencio á sombra exhala
E enchem o coração de ignota pena
Como a intima voz de um ser amigo,
Que essas tardes e brisas, esse mundo
Que na fronte do moço entorna flores,

Que harmonias embebem-lhe no seio —
Tem uma alma tambem que vive e sente...

A natureza bella e sempre virgem
Com suas galas gentís na fresca aurora,
Com suas magoas na tarde escura e fria,
E essa melancolia e morbideza
Que nos effluvios do luar resumbra —
Não é apenas uma lyra muda
Onde as mãos do poeta acordão hymnos
E a alma do sonhador lembranças vibra...

Por essas fibras da natura viva
N'essas folhas e vagas, n'esses astros,
N'essa magica luz que me deslumbra
E enche de fantasia até meus sonhos —
Palpita por ventura um almo sopro,
Espirito do céo que as reanima,
E talvez lhes murmura em horas mortas
Estes sons de mysterio e de saudade,
Que lá no coração repercutidos
O genio acordão que enlanguece e canta!

Eu o creio, Luiz; tambem ás flores
Entre o perfume véla uma alma pura,
Tambem o sopro dos divinos anjos

Anima essas corollas setinosas,
No murmurio das aguas no deserto,
Na voz perdida, no dolente canto
Da ave de arribação das aguas verdes,
No gemido das folhas na floresta,
Nos echos da montanha, no arruido
Das folhas seccas que estremece o Outono,
Ha lamentos sentidos, como prantos
Que exhala a pena de subida magoa...

E Deus? — Eu creio n'elle como a alma
Que pensa e ama n'essas almas todas,
Que as ergue para o céo, e que lhes verte,
Como orvalho nocturno em seus ardores,
O amor, sombra do céo, reflexo puro
Da aureola das virgens de seu peito!
Essa terra, esse mundo, o céo e as ondas,
Flores, donzellas, essas almas candidas
Beija-as o senhor Deus na fronte limpida,
Arroia-as de pureza e amor sem nodoa...
E á flor dá a ventura das auroras,
Os amores do vento que suspira,
Ao mar a viração, o céo ás aves,
Saudades á alcyon, sonhos á virgem,
E ao homem pensativo e taciturno
A creatura pallida que chora —

Essa flor que inda murcha tem perfumes,
Esse momento que suavisa os labios,
Que eternisa na vida um céo de enleio...
O amor primeiro das donzellas tristes.

São idéas talvez... Embora rião
Homens sem alma, estereis creaturas:
Não posse desamar as utopias,
Ouvir e amar á noite entre as poleiras
Na varanda ao luar o som das vagas,
Beijar nos labios uma flor que murcha,
E crer em Deus como alma animadora
Que não creou somente a natureza,
Mas que ainda a ralenta em seu bafejo,
Ainda influe-lhe no sequioso seio
De amor e vida a eternal scentelha!

Por isso, ó meu amigo, á meia noite
Eu deito-me na relva humedecida,
Contemplo o azul do céo, amo as estrellas,
Respiro aromas, e o arquejante peito
Parece remoçar em tanta vida,
Parece-me alentar-se em tanta magoa,
Tanta melancolia, e nos meus sonhos,
Filho de amor e Deus, eu amo e creio!

DESANIMO

Estou agora triste. Ha n'esta vida
Paginas torvas que se não apagão,
Nodoas que não se lavão... se esquecel-as
De todo não é dado a quem padece,
Ao menos resta ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltai uma vez! eu soffro tanto!
Meus sonhos consolai-me! distrahi-me!
Anjos das illusões, as azas brancas
As nevoas puras, que outro sol matiza.

Abrí ante meus olhos que abrazeião
E lagrimas não tem que a dor do peito
Transbordem um momento....

E tu, imagem,
Illusão de mulher, querido sonho,
Na hora derradeira, vem sentar-te,
Pensativa, saudosa, no meu leito!

O que soffres? que dor desconhecida
Inunda de pallor teu rosto virgem?
Por que tua alma dobra taciturna
Como um lyrio a um bafo d'infortunio?
Por que tão melancolica suspiras?

Illusão, idéal — á ti meus sonhos
Como os cantos a Deus se erguem gemendo!
Por ti meu pobre coração palpita.
Eu soffro tanto! meus exhaustos dias
Não sei por que logo ao nascer manchou-os
De negra prophecia um Deus irado.
Outros meu fado invejão.... Que loucura!
Que valem as ridiculas vaidades
De uma vida opulenta, os falsos mimos
De gente que não ama? Até o genio
Que Deus lançou-me á doentía fronte,

Qual semente perdida n'um rochedo,
Tudo isso que vale, se padeço!

N'essas horas talvez em mim não pensas —
Pousas sombria a desmaiada face
Na doce mão, e pendes-te sonhando
No teu mundo ideal da phantasia...
Se meu orgulho, que fraqueia agora,
Pudesse crer que ao pobre desditoso
Sagravas uma idéa, uma saudade —
Eu seria um instante venturoso!...

Mas não... ali no baile fascinante,
Na alegria brutal da noite ardente,
No sorriso ebrioso e tresloucado
D'aquelles homens que p'ra rir um pouco
Encobrem sôb a mascara o semblante,
Tu não pensas em mim. Na tua idéa
Se minha imagem retratou-se um dia
Foi como a estrella peregrina e pallida
Sobre a face de um lago...

O LENÇO D'ELLA

Quando a primeira vez, da minha terra
Deixei as noites de amoroso encanto
A minha doce amante suspirando
Volvêu-me os olhos humidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,
Mas a saudade amortecia o canto!
Lagrimas enxugou nos olhos bellos....
E deu-me o lenço que molhava o pranto

Quantos annos comtudo ja passárão!

Não olvido porém amor tão santo!
Guardo ainda n'um cofre perfumado
O lenço d'ella que molhava o pranto....

Nunca mais a encontrei na minha vida,
Eu comtudo, meu Deus, amava tanto!
Oh! quando eu morra estendão no meu rosto
O lenço que eu banhei tambem de pranto!

RELOJIOS E BEIJOS

— TRADUZIDO DE HENRIQUE HEINE —

Quem os relogios inventou? De certo
Algum homem sombrio e friorento.
N'uma noite de inverno tristemente
Sentado na lareira elle scismava
Ouvindo os ratos a roer na alcova
E o palpitar monotono do pulso.

Quem o beijo inventou? Foi labio ardente,
Foi bocca venturosa, que vivia

Sem um cuidado mais que dar beijinhos.
Era no mez de maio. As flores candidas
A mil abrião sobre a terra verde.
O sol brilhou mais vivo em céo d'esmalte
E cantárão mais doce os passarinhos.

NAMORO A CAVALLO

Eu moro em Catumby. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Poz lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéa namorada.

Alugo (trez mil réis) por uma tarde
Um cavallo de trote (que esparrella!)
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janella....

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado

Onde eu escrevo tremulo, amoroso
Algum verso bonito... mas furtado

Morro pela menina, junto d'ella
Nem ouso suspirar de acanhamento...
Se ella quisesse eu acabava a historia
Como toda a Comedia — em casamento...

Hontem tinha chovido... que desgraça!
Eu ia a trote inglez ardendo em chamma,
Mas la vae senão quando uma carroça
Minhas roupas tafúes encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Don Quixote
No Rossinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bella
Por ver-me tão lodoso ella irritada
Bateu-me sobre as ventas a janella...

O cavallo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,

Arripia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapeo que soffrera no pagode
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circunstancia aggravante. A calça ingleza
Rasgou-se no cahir de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

PALLIDA IMAGEM

J'ai cru que j'oublierais ; mais j'avais mal sondé
Les abîmes du cœur que remplit un seul rêve :
Le souvenir est là, le souvenir se lève !
Flot toujours renaissant et toujours débordé.

TURQUÉTY.

No delirio da ardente mocidade
Por tua imagem pallida vivi !
A flôr de coração do amor dos anjos
Orvalhei-a por ti !

O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus labios que o pallor cobria,

Minhas noites de lagrimas ardentes
E de sonhos enchia!

Foi por ti que eu pensei que a vida inteira
Não valia uma lagrima — si quer,
Senão n'um beijo tremulo de noite...
N'um olhar de mulher!

Mesmo nas horas de um amor insano,
Quando em meus braços outro seio ardia,
A tua imagem pallida passando
A minh'alma perdia.

Sempre e sempre teu rosto — as negras transas,
Tua alma nos teus olhos se expandindo!
E o collo de setim que pulsa e geme
E teus labios sorrindo!

Nas longas horas do sonhar da noite
No teu peito eu sonhava que dormia;
Pousa em meu coração a mão de neve...
Treme... como tremia.

Como palpita agora se affagando
Na morna languidez do teu olhar;

Assim viveu e morrerá sonhando
Em teus seios amar!

Si a vida é lyrio que a paixão desflora,
Meu lyrio virginal eu conservei;
Somente no passado eu tive sonhos
E outrora nunca amei!

Foi por ti que na ardente mocidade
Por uma imagem pallida vivi!
E a flôr do coração do amor dos anjos
Orvalhei... só por ti!

SEIO DE VIRGEM

Quand on te voit, il vient à maints
Une envie dedans les mains
De te tâter, de te tenir....

CLÉMENT MAROT.

O que eu sonho noite e dia,
O que me dá poesia
E me torna a vida bella,
O que n'um brando roçar
Faz meu peito se agitar,
É o teu seio, donzella!

Oh! quem pintara o setim
D'esses limões de marfim,

Os leves ceruleos veios,
Na brancura deslumbrante
E o tremido de teus seios?

Quando os vejo, de paixão
Sinto pruridos na mão
De os apalpar e conter...
Sorriste do meu desejo?
Loucura! bastava um beijo
Para n'elles se morrer!

Minhas ternuras, donzella,
Voltei-as á forma bella
D'aquelles fructos de neve...
Aí duas candidas flores
Que o presentir dos amores
Faz palpitarem de leve.

Mimosos seios, mimosos,
Que dizem voluptuosos :
« Amai-nos, poetas, amai!
« Que mysteriosas venturas
« Dormem n'essas rosas puras
« E se acordarão n'um ai! »

Que lyrio, que nivea rosa,

Ou camelia setinosa
Tem uma brancura assim?
Que flôr da terra ou do céo,
Que valha do seio teu
Esse morango ou rubim?

Quantos encantos sonhados
Sinto estremecer velados
Por teu candido vestido!
Sem ver teu seio, donzella,
Suas delicias revella
O poeta embevecido!

Donzella, feliz do amante
Que teu seio palpitante
Seio d'esposa fisér!
Que d'essa forma tão pura
Fisér com mais formosura
Seio de bella mulher!

Feliz de mim... porém não!...
Repouse teu coração
Da pureza no rosal!
Tenho eu no peito um aroma
Que valha a rosa que assoma
No teu seio virginal?...

MINHA MUSA

Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
É de uns labios a esperança
E a saudade que eu nutri!
É a crença que alentei,
As luas bellas que amei,
E os olhos por quem morri!

Os meus cantos de saudade
São amores que eu chorei:

São lyrios da mocidade
Que murchão por que te amei!
As minhas notas ardentes
São as lagrimas dementes
Que em teu seio derramei!

Do meu Outono os desfolhos,
Os astros do teu verão,
A languidez de teus olhos
Inspirão minha canção.
Sou poeta por que és bella,
Tenho em teus olhos, donzella,
A Musa do coração!

Se na lyra voluptuosa
Entre as fibras que estalei
Um dia atei uma rosa
Cujo aroma respirei,
Foi nas noites de ventura
Quando em tua formosura
Meus labios embriaguei!

E se tu queres, donzella,
Sentir minh'alma vibrar,
Solta essa transa tão bella,

Quero n'ella suspirar!
Descança-me no teu seio.
Ouvirás no devaneio
A minha lyra cantar!

MALVA-MAÇÃ

De teus seios tão mimosos
Quem gozasse o talisman!
Quem ali deitasse a fronte
Cheia de amoroso afan!
E quem n'elle respirasse
A tua malva-maçã!

Dá-me essa folha cheirosa
Que treme no seio teu!

Dá-me a folha... heide beijal-a
Sedenta no labio meu !
Não vês que o calor do seio
Tua malva emurchecco...

A pobresinha em teu collo
Tantos amores gosou,
Viveu em tanto perfume
Que de enlevos expirou !
Quem pudesse no teu seio
Morrer como ella murchou !

Teu cabello me inebria,
Teu ardente olhar seduz ;
A flôr de teus olhos negros
De tua alma raia á luz,
E sinto nos labios teus
Fogo do céo que transluz!

O teu seio que estremece
Enlanguece-me de goso.
Ha um *que* de tão suave
No collo voluptuoso,
Que n'um tremulo deliquio
Faz-me sonhar venturoso !

Descançar n'esses teus braços
Fôra angelica ventura :
Fôra morrer — nos teus labios
Aspirar tua alma pura!
Fôra ser Deus dar-te um beijo
Na divina formosura!

Mas o que eu peço, donzella,
Meus amores, não é tanto!
Basta-me a flôr do seio
Para que eu viva no encanto,
E em noites enamoradas
Eu verta amoroso pranto!

Oh! virgem dos meus amores,
Da-me essa folha singela!
Quero sentir teu perfume
Nos doces aromas d'ella...
E n'essa malva-maçã
Sonhar teu seio, donzella!

Uma folha assim perdida
De um seio virgem no afan
Acorda ignotas doçuras
Com divino talisman!

Dá-me do seio esta folha
A tua malva-maçã !

Quero apertal-a a meu peito
E beijal-a com ternura...
Dormir com ella nos labios
D'esse aroma na frescura...
Beijando-a sonhar comtigo
E desmaiar de ventura !

A folha que tens no seio
De joelhos pedirei...
Se posso viver sem ella
Não o creio ! oh ! eu não sei !...
Dá-m'a pelo amor de Deos,
Que sem ella morrerei !

Pelas estrellas da noite,
Pelas brisas da manhã,
Por teus amores mais puros,
Pelo amor de tua irmã,
Dá-me essa folha cheirosa.
— A tua malva-maçã !

PENSAMENTOS D'ELLA

Talvez á noite quando a hora finda
Em que eu vivo de tua formosura
Vendo em teus olhos, n'essa face linda
A sombra de meu anjo da ventura,
Tu sorrias de mim por que não ouso.
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura.

Eu sei. Entre minha alma e tua aurora
Murmura meu gelado coração.
Meu enredo morreu. Sou triste agora,

Estrella morta em noite de verão !
Prefiro amar-te bella no segredo !
Se foras minha tu verias cedo
Morrer tua illusão !

Eu não sou o ideal, alma celeste,
Vida pura de labios recendentes,
Que teu imaginar de encantos veste
E sonhas nos teus seios innocentes.
Flôr que vives de aromas e luar,
Oh ! nunca possas ler do meu penar
As paginas ardentes !

Se em canticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Com as rosas que amava Anacreonte
É que — alma dormida — palpitando
No raio de teus olhos se illumina,
Em ti respira inspiração divina
E ella sonha cantando !

Não acordes comtudo. A vida n'ella
Como a ave no mar suspira e cái...
As vezes teu alento de donzella
Sobre teus labios o morrer de um ai,
Na magia de fada, n'um instante

Estremecem-na, embalão-na expirante
E lhe disem : « sonhai ! »

Mas quando o teu amante fosse esposo —
E tu, sequiosa e languida de amor,
O embalasses no seio voluptuoso
E o beijasses dos labios no calor,
Quando tremesses mais, não te doera
Sentir que n'esse peito que vivera
Murchou a vida em flôr ?

POR MIM?

Teus negros olhos uma vez fitando
Senti que luz mais branda os acendia,
Pallida de languor, eu vi-te olhando —
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Esse amor que em teus olhos reflectia...
Talvez! — era por mim?

Pendeste, suspirando, a face pura,
Morreu nos labios teus um ai perdido...
Tão ebrio de paixão e de ventura!
Mulher de meu amor, meu seraphim,

Por quem era o suspiro amortecido ?
Suspiravas por mim ?

Mas... eu sei !... ai de mim ? Eu vi na dança
Um olhar que em teus olhos se fitava...
Ouvi outro suspiro... d'esperança !
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Teu olhar, teu suspiro que matava...
Oh ! não erão por mim !

LELIA

Passou talvez ao alvejar da lua,
Como incerta visão na face fria :
Mas o vento do mar não escutou-lhe
Uma voz a seu Deus !... ella não cria !

Uma noite aos murmurios do piano
Pallida misturou um canto aerio...
Parecia de amor tremer-lhe a vida
Revelando nos labios um mysterio !

Porém quando expirou a voz nos labios
Ergueu sem pranto a fronte descorada,

Pousou a fria mão no seio immovel
Sentou-se no divan... sempre gelada!

Passou talvez do cemiterio á sombra
Mas nunca n'uma cruz deixou seu ramo;
Ninguem se lembra de lhe ter ouvido
N'uma febre de amor diser: « eu amo! »

Não chora por ninguem... e quando á noite
Lhe beija o somno as palpebras sombrias,
Não procura seu anjo á cabeceira
E não tem orações, mas ironias!

Nunca na terra uma alma de poeta
Chorosa, palpitante e gemebunda
Achou n'essa mulher um hymno d'alma
E uma flôr para a fronte moribunda.

Lyra sem cordas não vibrou d'enlevo:
As notas puras da paixão ignora,
Não teve nunca n'alma adormecida
O fogo que inebria e que devora!

Descrê. Derrama fel em cada riso —
Alma esteril não sonha uma utopia...

Anjo maldito salpicou veneno
Nos labios que tressuão de ironia.

É formosa comtudo. Ha n'essa imagem
No silencio da estatua alabastrina
Como um anjo perdido que resumbra
Nos olhos negros da mulher divina.

Ha n'esse ardente olhar que gela e vibra,
Na voz que faz tremer e que apaixona
O genio de Satan que transverbera,
E o languor pensativo da Madona!

É formosa, meu Deus! Desde que a vi
Na minha alma suspira a sombra d'ella,
E sinto que podia n'essa vida
N'um seu languido olhar morrer por ella.

MORENA

Ó Thereza, úm outro beijo! e abandona-me a meus sonhos e a meus suaves delirios.

Jacopo Ortis.

É loucura, meu anjo, é loucura
Os amores por anjos... eu sei !
Forão sonhos, foi louca ternura
Esse amôr que a teus pés derramei !

Quando a fronte requeima e delira,
Quando o labio desbota de amor,

Quando as cordas rebentão na lyra
Que palpita no seio ao cantor,

Quando a vida nas dores é morta
Ter amores nos sonhos é crime?
É loucura: eu o sei! mas que importa?
Ai! morena! és tão bella!... perdi-me!

Quando tudo, na insomnia do leito,
No delirio de amor devaneia
E no fundo do tremulo peito
Fogo lento no sangue se ateia;

Quando a vida nos prantos se escôa,
Não merece o amante perdão?
Ai! morena! és tão bella! perdoa!
Foi um sonho do meu coração!

Foi um sonho.... não córes de pejo!
Foi um sonho tão puro!... ai de mim!
Mal gosei-lhe as frescuras de um beijo!
Ai! não córes, não córes assim!

Não suspires! por que suspirar?
Quando o vento n'um lyrio soluça,

E desmaia no longo beijar,
E offegante de amôr se debruça,

Quando a vida lhe foge, lhe treme,
Pobre vida do seu coração,
Essa flôr que o ouvira, que geme,
Não lhe dera no seio o perdão?

Mas não córes ! se queres, afogo
No meu seio o fogoso anhelar !
Calarei meus suspiros de fogo
E esse amor que me hade matar !

Morrerei, ó morena, em segredo !
Um perdido na terra sou eu !
Ai ! teu sonho não morra tão cedo
Como a vida em meu peito morreu !

12 DE SETEMBRO

O sol oriental brilha nas nuvens,
Mais docemente a viração murmura
E mais doce no valle a primavera
Saudosa e juvenil é toda em rosa
Como os ramos sem folhas
Do pecegueiro em flôr.

Ergue-te, minha noiva, ó natureza!
Somos sós — eu e tu: — acorda e canta
No dia de meus annos!

II

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura —
Nem ultima illusão beija e conforta
Meu ardente dormir...

III

Tenho febre — meu cerebro transborda,
Eu morrerei mancebo — inda sonhando
Da esperança o fulgor.
Oh! cantemos inda: a ultima corda
Treme na lyra... morrerei cantando
O meu unico amor!

IV

Meu amor foi o sol que madrugava
O canto matinal da cotovia
E a roza predilecta...
Fui um louco, meu Deus, quando tentava
Descorado e febril nodoar na orgia
Os sonhos de poeta...

V

Meu amor foi a verde laranjeira
Que ao luar orvalhoso entre abre as flores
Melhor que ao meio dia
As campinas — a lúa forasteira,
Que triste, como eu sou, sonhando amores
Se embebe de harmonia. —

VI

Meu amor foi a mão que me alentava,
Que viveu e esperou por minha vida,
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
De roto bandolim...

VII

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei o meu anjo noite e dia
E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto..
Não poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio ..

VIII

Passei como Dom Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel nas longas despedidas...
Meu Deus! ninguem me amou!

IX

Vivi na solidão — odeio o mundo
E no orgulho embucei meu rosto pallido
Como um astro na treva...
Senti a vida um lupanar immundo —
Se acorda o triste profanado, esqualido
— A morte fria o leva..

X

E quantos vivos não cahirão frios
Manchados de embriaguez na orgia em meio
Nas infamias do vicio!
E quantos morrerão inda sombrios
Sem remorso dos loucos devaneios...
— Sentindo o precipicio!

XI

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias ateia o sangue em lava
E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Levou a geração que se acordava...
E nuta de agonia...

XII

São tristes d'este seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir —
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir!

XIII

Fora bello talvez em pé, de novo
Como Byron surgir, ou na tormenta
O heroe de Waterloo
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão nas nuvens que rebenta
E o raio derramou!

XIV

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Gœthe, e reunir na fibra
Byron, Homero e Dante;
Sonhar-se n'um delirio momentaneo
A alma da creação, e o som que vibra
A terra palpitante...

XV

Mas ah! o viajor nos cemiterios
N'essas nuas caveiras não escuta
Vossas almas errantes,
Do estandarte da sombra nos imperios
A morte — como a torpe prostituta —
Não distingue os amantes.

XVI

Eu pobre sonhador — em terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente
Comvosco dormirei,
E d'entre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

XVII

Oh! morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer —
Voltará amanhã — aziagas sinas
Da terra sobre a face macilenta
Esperar e soffrer?

XVIII

Meu Deus, antes — meu Deus— que uma outra vida
Com teu sopro eternal meu ser esmaga
E minha alma aniquila...
A estrella de verão no céo perdida
Tambem ás vezes teu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

SOMBRA DE D. JUAN

A dream that was not at all a dream.
LORD BYRON, *Darkness*.

I

Cerraste emfim as palpebras sombrias
E a fronte esverdeou da morte á sombra
Como lampada exhausta!
E agora no silencio do sepulchro
Sonhas o amor — os seios de alabastro
Das languidas amantes?

E Haidéa virgem pela praia errando
Aos murmurios do mar que lhe suspira
Como incognito desejo —
Te sussurra delicias vaporosas,
E o formoso estrangeiro adormecido
Entrebeija tremendo?

Ou a pallida fronte libertina
Relembra a tez, o talhe voluptuoso
Da Oriental semi-núa?
Ou o vento da noite em teus cabellos
Sussurra, lembra do passado as nodoas
No tumulo sem letras?

Ergue-te, libertino! eu não te acordo
Por que nas orgias te avermelha a face
Que morte amarellou...
Nem pelo jogo, e noites delirantes,
Nem do ouro a febre, e da perdida os labios
E a convulsão nocturna!

Não, bello Hespanhol! Venho sentar-me
Á borda do teu leito, por que febre
Minha insomnia devora;
Por que não durmo quando o sonho passa

E do passado o manto profanado
Me roça pela face!

Quero na sombra conversar comtigo,
Quero me digas tuas noites breves :
As febres e as donzellas
Que a fogo do viver murchaste ao peito!
Ergue-te um pouco da mortalha branca,
Acorda-te, Don Juan!

Comtigo velarei : do teu sudario
Nas dobras negras deporei a fronte,
Como um collo de mãi :
E como leviano peregrino
Da vida as aguas saudarei sorrindo
Na estrema do infinito!

E quando a ironia regelar-se
E a morte me azular os labios frios
E o peito emudecer,
No vinho queimador, no golo extremo,
N'um riso — á vida brindarei zombando
E dormirei comtigo!

I

Mas não : não veio na mortalha envolto
Don Juan semi-nú com rir descrido
Zombando do passado —
Só alem — onde as folhas alvejavão,
Ao luar que banhava o cemiterio
Vi um vulto na sombra.

Cantava : a peito o bandolim saudoso
Apertava : qual nú e perfumado
A Madona seu filho ;
E a vóz do bandolim se repassava,
Mais languidez bebia resoando
No cavernoso peito.

Do *sombrero* despio a fronte pallida,
Ergueu á lúa a pallidez do rosto
Que lagrimas enchião...
Cantava : eu o escutei... amei-lhe o canto,
Com elle suspirei, chorei com elle —
— O vulto era Don Juan !...

III

A CANÇÃO DE DON JUAN

« Ó faces morenas? ó labios de flôr,
Ouvi-me a guitarra que trina louçan,
Eu trago meu peito, meus beijos de amor,
Ó labios de flor,
Eu sou Don Juan!

« Nas brisas da noite, no frouxo luar,
Nos beijos do vento, na fresca manhã,
Dizei-me : não viste n'um sonho passar,
No frouxo luar
Febril — Don Juan?

« Acordem, acordem, ó minhas donzellas!
A brisa nas aguas lateja de afan!
Meus labios tem fogo, e as noites são bellas,
Ó minhas donzellas,
Eu sou Don Juan!

« Ai! nunca sentistes o amor d'Hespanhol!
Nos labios mimosos de flor de romã
Os beijos que queimão no fogo do sol!
Eu sou o Hespanhol:
Eu sou Don Juan!

« Que amor, que sonhos no febril passado!
Que tantas illusões no amor ardente!
E que pallidas faces de donzella
Que por mim desmaiarão docemente!

« Eu era o vendaval que ás flores puras
Do amor nas manhãs o labio abria!
Se murchei-as depois — é que espedaça
As flores da montanha a ventania!

« E tão bellas, meu Deus! e as niveas perolas
Mergulhei-as no lado uma per uma,
De meus sonhos de amor nada me resta!
Em negras ondas só vermelha escuma!

« Anjos que desflorei! que desmaiados
Na torrente lancei do lupanar!
Crianças que dormião no meu peito
E acordarão da magoa ao soluçar!

« E não tremem as folhas no susurro,
E as almas não palpitão-se de afan!
Quando entre a chuva rebuçado passa
Saciado de beijos Don Juan? »

IV

Como virgem que sente esmorecer
N'um halito de amor á vida bella,
Que desmaia, que treme :
Como virgem nas lentas agonias
Os seus olhos azues aos céos erguendo
Co'as mãos niveas no seio...

Presentindo que o sangue lhe resfria
E que nas faces pallidas a beija
O anjo da agonia...
Exhala ainda o canto harmonioso...
Casualina pendida onde sussurra
O anoitecer da vida!

Assim nos labios e nas cordas meigas
Do palpitante bandolim a magoa

Gemia como o vento,
Como o cysne que boia, que se perde
Na lagoa da morte geme ainda
O cantico saudoso!

Mas depois no silencio uma risada
Convulsiva arquejou... rompeu as cordas
Das ternas assonias,
Rompeu-as e sem dó.., e n'outras fibras
Corria os dedos descuidozo e frio
Salpicando-as d'escarneo...

V

« Os homens semelhão as modas de um dia,
É velha e passada
A roupa manchada :
Porém quem diria
Que é moda de um dia,
Que é velho Don Juan?!

« Os annos que passem nos negros cabellos :
Branquêem de neve

As c'roas que teve!
Disei, anjos bellos
De negros cabellos
Se é velho Don Juan!

« E quando no seio das tremulas bellas
De noite suspira
E nuta e delira —
Que digão pois ellas
As tremulas bellas
Se é velho Don Juan!

« Que o diga a Sultana, a violenta Hespanhola
A loira Allemã —
E a Grega louçã!
Que o diga a Hespanhola
Que a noite consola,
Se é velho Don Juan!

« . . . . . .
. . . . . »

VI

Era longa a canção... Cantou, e o vento
Nos cyprestes com elle escorrecia!
Pendeu a fronte — os labios
Emmudecerão como cala o vento
Do tropico na podre calmaria...
Scismava Don Juan.

NA VARZEA

Como é bella a manhã! Como entre a nevoa
A cidade sombria ao sol clareia
E o manto dos pinheiros se avelluda!
E o orvalho gotteja dos coqueiros
E dos valles o aroma acorda o passaro,
E o fogoso corsel no campo aberto
Sorve d'alva o frescor, sacode as clinas,
Respira na amplidão, no orvalho rola,
Cobre em leito de folhas novo alento
E galopa nitrindo!

Agora que a manhã é fresca e branca

E o campo solitario e o val se arreia.
Ó meu amigo, passeemos juntos
Na varzea qne do rio as aguas negras
Humedecem fecundas :

O campo é só — na chacara florida
Dorme o homem do valle, e no convento
Scintilla á medo a lampada da virgem,
Que pallidas vestaes no altar acendem !

Tudo acorda, meu Deus, n'essas campinas !
Os cantos do Senhor erguem-se em nuvens
Como o perfume que evapora o leito
Do lyrio virginal !

Acorda-te, ó amigo — quando brilha
Em toda a natureza tanto encanto,
Tanta magia pelo céo fluctua
E chovem sobre os valles harmonias —
É descrer do Senhor dormir no tedio,
É renegar das santas maravilhas
O ardente coração não expandir-se,
E alma não jubilar dentro do peito !

Lá onde mais suave entre os coqueiros
O vento da manhã nas casualinas

Cicia mais ardente suspirando,
Como de noite no pinhal sombrio
Aerio canto de não vista sombra,
Que enche o ar de tristeza e amor transpira,
La onde o rio mollemente chora
Nas campinas em flôr e rola triste —
Alveja á sombra habitação ditosa,
Corôa os frisos da janella verde,
A trepadeira em flôr do jasmineiro
E pelo muro se avermelha a rosa.
Ali quando a manhã acorda a bella —
A bella que eu sonhei nos meus amores,
Ao primeiro calor do sol d'aurora
Entorna-se da flôr o doce aroma,
Inda mais doce em matutino orvalho,
— Nas transas negras da donzella pallida,
Mais bella que o diamante se avelluda
Camelia fresca, inda em botão, tingida
De neve e de coral — no seio d'ella
Não reluz o collar — em negro fio
A cruz da infancia melhor guarda o seio
Que o amor virginal beija tremendo
E os ais do coração melhor perfuma...

Vém comigo, mancebo — aqui sentemo-nos:
Ella dorme: a janella inda cerrada

Se enchez de rosas e jasmins á noite,
E as flores virgens com o aberto seio
Um beijo da donzella ainda implorão.
. . . . . .

Mais doce o canto foge de mistura
Co'as doces notas do violão divino,
Anjo da vida te verteu nos labios
O mel dos seraphins que a voz serena,
Que a transborda de encanto e de harmonia
E faz ao echo sem pulsar meu peito!

Suspire o violão : nos seus lamentos
Murmura essa canção dos meus amores,
Que este peito sangrento lhe votára,
Quando a seus pés ardente a phantasia
Em doce engano derramei minh'alma!

Quando a brisa seus ais melhor afina,
Quando a frauta no mar branda suspira
Com mais encanto as folhas do salgueiro
Debrução-se nas aguas solitarias.
E deixão gota a gota no argenteo orvalho
Como prantos nas folhas deslizar-se.

Quando a voz de cantor perder-se á noite

Na margem da torrente ou nas campinas,
Ou no umbroso jardim que flores cobrem —
Mais doce a noite pelo céo vaguêa,
Melhor florescem as nocturnas flores,
E o seio da mulher, que a noite emballa
Pulsa quente e febril com mais ternura!

Se o anjo de meus timidos amores
Podesse ouvir-te os candidos suspiros
Que a minha dôr de amante lhe revelão!
Se ella acordasse, nos cabellos soltos
Inda o semblante somnolento e pallido
E o seio semi-nú e os hombros niveos
E as tremulas mãos cobrindo o seio...
Se esta janella n'um instante abrisse
A fada da ventura — embora apenas
Um instante... siquer... Meus pobres sonhos
Como saudosos vos murchais sedentos!
Flores do mar que um triste vagabundo
Arrancou de seu leito humedecido,
E grosseiro apertou nas mãos ardentes...
Eu morro de saudade e só me nutro
Inda nas tristes, desbotadas veias
O sangue do passado e da esperança!

O EDITOR

— A poesia transcripta é de Torquato,
Désse pobre poeta enamorado
Pelos encantos de Leonora esquiva,
Copiei-a do proprio manuscripto
E para prova da verdade pura
D'este prologo meu, basta que eu diga
Que a letra era um garrancho indecifravel,
Mistura de borrões e linhas tortas,
Trouxe-me do Archivo lá da lúa
E decifrou-m'a familiar demonio.

Demais — infelizmente é bem verdade
Que Tasso lastimou-se da penuria
De não ter um ceitil para candeia.

Provo com isso que do mundo todo
O sol é este Deus indefinivel,
Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,
Mais santo do que os Papas — o dinheiro!

Byron no seu *Don Juan* votou-lhe cantos,
Filyntho Elysio e Tolentino o sonhão,
Foi o Deus de Bocage e d'Aretino,
Aretino, essa incrivel creatura
Livida e tenebrosa, impura et bella,
Sublime... e sem pudor, onda de lodo,
Em que do genio profanou-se a perola,
Vaso d'ouro que um oxydo terrivel
Envenenou de morte, alma poeta
Que tudo profanou com as mãos immundas,
E latio como um cão mordendo um seculo...

. . . . . .

Quem não ama o dinheiro? Não me engano
Se creio que Satan á noite veio

Aos ouvidos de Adão adormecido
Na sua hora primeira, murmurar-lhe
Essa palavra magica da vida,
Que vibra musical em todo o mundo.

Se houvesse o Deus vintém no Paraiso
Eva não se tentava pelas fructas,
Pela rubra maça não se perdera;
Preferira de certo o louro amante
Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos
Eu mostraria quanto o povo mente
Quando diz — que a poesia engeita, odeia
As moedinhas doiradas. — É mentira!

Desde Homero (que até pedia cobre),
Virgilio, Horacio, Calderon, Racine,
Boileau e o fabuleiro Lafontaine
E tantos que melhor de certo fora
Dos poetas copiar algum catalogo,
Todos a mil e mil por elle vivem,
E alguns chegarão a morrer por elle!
Eu só peço licença de fazer-vos
Uma simples pergunta. Na gaveta

Se Camões visse o brilho do dinheiro —
Malfilâtre, Gilbert, o altivo Chatterton
Se o tivessem nas rotas algibeiras
Acaso blasphemando morrerião?

OH! NÃO MALDIGÃO!

Oh! não maldigão o mancebo exhausto
Que nas órgias gastou o peito insano,
Que foi ao lupanar pedir um leito
Onde a sêde febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pediu ao vicio os beijos de veneno:
E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

Miserrimo ! não creu !... Não o maldigão,
Se uma sina fatal o arrebatava :
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh ! não maldigão o mancebo exhausto
Que no vicio embalou, a rir, os sonhos
Que lhes manchou as perfumadas transas
Nos travesseiros da mulher sem brio !

Se elle poeta nodoou seus labios
É que fervia um coração de fogo,
E da materia a convulsão impura
A voz do coração emudecia !

E quando p'la manhã da longa insomnia
Do leito profanado elle se erguia
Sentindo a brisa lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos rouxos labios ;

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina,
E as aves da manhã em torno d'elle
Os sonhos do poeta acalentavão ;

Vinha um anjo de amor unil-o ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra,
E a alma que chorava a infamia d'elle
Seccava o pranto e suspirava ainda!

DINHEIRO

Oh! argent! Avec toi on est beau, jeune, adoré; on a considération, honneur, qualités, vertus. Quand on n'a point d'argent, on est dans la dépendance de toutes choses et de tout le monde.

CHATEAUBRIAND.

Sem elle não ha cova — quem enterra
Assim gratis a Deo? O baptisado
Tambem custa dinheiro. Quem namora
Sem pagar as pratinhas ao Mercurio?
Demais as Danáes tambem o adorão.
Quem imprime seus versos, quem passeia,
Quem sobe a Deputado; até Ministro,

Quem é mesmo Eleitor, embora sabio,
Embora genio, talentosa fronte,
Alma Romana, se não tem dinheiro?
Fora a canalha de vasios bolços!
O mundo é para todos... Certamente,
Assim o dice Deus — mas esse texto
Explica-se melhor e d'outro modo.
Houve um erro de imprensa no Evangelho :
O mundo é um festim — concordo n'esso,
Mas não entra ninguem sem ter as louras.

ADEUS, MEUS SONHOS!

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existencia uma saudade!
E a tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Miserrimo! votei meus pobres dias
Á sina douda de um amor sem fructo,
A minha alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus! morra comigo
A estrella de meus candidos amores
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um echo,
E meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovellos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem m'o dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó candida donzella,
O que faz que o meu peito assim blasphema,
É ter para escrever todo um poema,
E não ter um vintem para uma vela.

PAGINA ROTA

Et pourtant que le parfum d'un pur amour est suave !

GEORGE SAND.

Meu pobre coração que estremecias,
Suspira a desmaiar no peito meu :
Para enchêl-o de amor, tu bem sabias
Bastava um beijo teu!

Como o valle nas brisas se acalenta,
O triste coração no amor dormia;

Na saudade, na lua macilenta
Sequioso ar bebia!

Se nos sonhos da noite se emballava
Sem um gemido, sem um ai se quer,
É que o leite da vida elle sonhava
N'um seio de mulher!

Se abrio tremendo os intimos refolhos,
Se junto de teu seio elle tremia,
É que lia a ventura nos teus olhos,
E que d'elles vivia!

Via o futuro em magicos espelhos,
Tua bella visão o enfeitiçava,
Sonhava adormecer nos teus joelhos
Tanto enlevo sonhava!

Vinha nos sonhos d'elle a tua imagem
Que de beijos de amor o recendia:
E de noite nos halitos da aragem
Teu alento sentia!

Ó pallida mulher! se negra sina
Meu berço abandonado me emballou,

Não te rias da sede peregrina
D'essa alma que te amou.

Que sonhava em teus labios de ternura
Das noites do passado se esquecer;
Ter um leito suave de ventura....
E amor... onde morrer!

INDICE

LYRA DOS VINTE ANNOS

Prefacios. 3
A minha Mãi. 7

PRIMEIRA PARTE

No mar.. 9
Sonhando. 13
Scismar.. 17
Ai Jesus! 19
Anjinho.. 21
Anjos do mar. 26
Tenho um seio que delira, etc. 28
A cantiga do Sertanejo. 31
Quando á noite no leito perfumado, etc. 36
O poeta. 38
Fui um doudo em sonhar tantos amores, etc.. 42
Quando fallo comtigo, no meu peito, etc. 46
Na minha terra. 50
Italia. 56
A T..... 61

Crepusculo do mar. 64
Crepusculo nas montanhas. 68
Desalento. 73
Pallida innocencia. 75
Soneto (Pallida á luz da lampada sombria). 77
Anima mea. 78
A harmonia. 84
Vida. 88
C..... 93
Epitaphio no tumulo de da Silva Pereira Junior. 96
O pastor moribundo. 98
Tarde de verão. 100
Tarde de outomno. 103
Cantiga. 110
Saudades. 113
Esperanças. 117
Virgem morta. 120
Hymnos do propheta. 125
I. — Um canto do seculo. 125
II. — Lagrimas de sangue. 133
III. — A tempestade. 140
Lembrança de morrer. 144

SEGUNDA PARTE

Um cadaver de poeta. 147
Idéas intimas. 167
Bohemios. 182
Spleen e charutos. 220
I. — Solidão. 220
II. — Meu anjo. 222
III. — Vagabundo. 223
IV. — A lagartixa. 226
V. — Luar de verão. 227
VI. — O poeta moribundo 228
É ella! É ella!. 231

TERCEIRA PARTE

Meu desejo. 235
Soneto. 237
Soneto. 239
Por que mentias?. 241
Toda aquella mulher tem a pureza, etc. 243
Amor.. 245
Phantasia. 247
Lagrimas da vida. 251
Soneto.. 254
Lembrança dos quinze annos. 256
Meu sonho. 260
O conego Filippe.. 262
Trindade. 265
Soneto. 267
Minha amante. 269
Euthanasia.. 272
Despedidas.. 274
Terza rima.. 276
Pantheismo. 277
Desanimo. 281
O lenço d'ella. 284
Relogios e beijos. 286
Namoro a cavallo. 288
Pallida imagem.. 291
Seio de virgem.. 294
Minha musa.. 297
Malva-maçã. 300
Pensamentos d'ella.. 303
Por mim?.. 307
Lelia. 309
Morena. 312
12 de setembro. 315

Sombra de D. Juan. 322
Na varzea. 332
O editor. 337
Oh! não maldigão! 341
Dinheiro. 344
Adeus meus sonhos! 346
Minha desgraça. 348
Pagina rota. 350

FIM DO IIº TOMO.

PARIS. — IMP. S. RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

18303